

Código de identificação do ficheiro: AAL01-C	
Localidade: Sapeira Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1983
Informante1: Alberto Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: Porto da Espada (prosp.) lado: B min: 652-668	
Inquiridor2:	
Assunto: A horta e os produtos hortícolas	
Tipo de transcrição: Conservadora	
Autor da primeira transcrição: Catarina Magro	Data da primeira transcrição: Fev.00
Autor da revisão final: Maria Lobo	Data da revisão final: Jul.00
CD nº: 07A faixa: 01	

INF Estes {PHI'ʃɐmɐ̃ʃi=chamam-se} couves-montesinhas.

INQ Diga?

INF Couves-montesinhas. É o que (eles) {PHI'ʃɐmɐ̃ʃ=chamam}, aqui na nossa região, a isto é couves-montesinhas. Não sei se isto é em toda a parte, se o que é; mas o que eu tenho ouvido sempre falar {fp} ao meu pai, aos meus avós, a essa coisa, é couves-montesinhas, isto.

INQ Sim senhor.

INF E de forma que é capaz de ir aparecendo uma. (Mas ah), olhe, aqui {IPIta=está} outra também. Isto chama-se catarinas-queimadas. Isto é a erva que mata os coelhos. Se nós tivermos uma coelheira e que deite para lá umas ervas destas, os coelhos que comem isto morrem. É a única coisa que eu vejo [ABlque {pp} co-] que faz mal aos coelhos é isto.

INQ Que faça mal.

Código de identificação do ficheiro: AAL02-C	
Localidade: Sapeira Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1983
Informante1: Alberto Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Cassete nº: Porto da Espada (prosp.) lado: B min: 706-717	Inquiridor2:
Assunto: Preparação do terreno	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 02	Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Jul.00

INF Então, por exemplos, isto agora aqui, por exemplos, era uma terra que {IP|'tavẽ=estava} deserta, não é? A primeira coisa que a gente fazia nisto era agarrar numa máquina – agora, que dantes era tudo à mão do homem, não era? –; mas agarrar numa máquina e romper a terra, aí um metro de profundidade – {IP|ta=está} o senhor a compreender? –, um metro de profundidade. (E) /Em\ depois, naquele ano, ficava assim. [AB|Quando era no, no segundo] Que era para ver se deitava mais algumas ervas bravas, algumas coisas para, sim, para a terra ficar mansa, por completamente irrompida, assim barrada, como lhe {PH|'ʃəmẽj=chamam}, não é?... E de forma que, depois, quando era {CT|prɔ=para o} ano, aí ao São Miguel, ao São Miguel, aí [AB|à] em Fevereiro, agora neste tempo, mais ou menos, Fevereiro, Março, é que ele {pp} ia outra máquina – outra máquina ou à mão {fp} – abria-se outra vala, tudo assim alinhado e {fp} plantava-se [AB|o] o bacelo, como a gente lhe chama, o bacelo. O bacelo é [AB|aquela{pp} par-] aquela {fp}, sim, [AB|aque-] aquele coiso, {fp} aquela planta [AB|que{fp}] que é brava, não é? É o produtor directo, como a gente lhe chama. Não é bem o produtor directo. É o americano. Chama-se-lhe americano. E de forma que depois aquilo é enxertado. Ao fim de dois anos [AB|lou até] – algumas até dão enxertia logo naquele ano –, se elas agarrarem bem, quando é naquele ano, dão enxertias. E há também quem faça o seguinte: há [AB|quem{fp}] quem faça a coisa, enxerta [AB|fo-] fora parte e põe já tudo já em manso. Também há quem faça essa coisa. Mas eu encontro que aquilo em bravo que é melhor porque fica mais arreigado [AB|e é] e a cepa dura mais tempo. Dura mais tempo porque fica logo mais... Sim, o bravo é mais resistente do que é o manso {pp} e aguenta-se mais com a sede. Aguenta-se mais com tudo. E depois, como a raiz é brava [AB|e o, e a] e a cepa é mansa, {IP|ta=está} a compreender, assim é que é que dá mais resultado. Pelo menos, aqui, faz-se isso assim.

Código de identificação do ficheiro: AAL03-C	
Localidade: Sapeira Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1983
Informante1: Alberto Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: Porto da Espada (prosp.) lado: B min: 842-880	
Assunto: A vinha e o vinho	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 03	
Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Jul.00	

INF Mas estas vinhas aqui nossas, como são muito antigas, não podem ser aramadas – {IP|ta=está} o senhor a compreender? Porque uma vinha aramada, põe-se-lhe aqui um pau... [AB|po -] Sim, por exemplos, há lá aquela (ponta), põe um pau e ali outro e depois um arame. E estas varas grandes, em lugar de ficar enrolada, ficava assim estendida, atada num arame. [AB|E aí] E daí dava, sim, [AB|d-] dava mais (fruto) /produto\, mais produção. Não dava! Dava a mesma produção! O que é que assim isto só tem um contra: é quando toma muito cacho, quando nascem muitos cachos, quando é que vem [AB|o São] o São Miguel, muito cedo, como a gente {PH|li=lhe} chama, que a vindima é chuvosa, por vezes, os cachos apodrecem aqui muito. [AB| (Existi-)] Pois apodrecem, porque [AB|ficam mui-] {PH|'fikē}=ficam} muito fechados, [AB|mui-, mui-] aos montes, não é? E se estivesse aramada, era já doutra maneira. Isto é agora a tática moderna, mas isto é uma vinha antiga, não é? Não se pode fazer doutra maneira.

INQ Claro. Portanto, e aqui e aqui e aqui dá, cada um dá um cacho, é?

INF {fp} Dois ou três, até.

INQ Dois ou três.

INF Dois ou três, até. Até pode dar quatro cachos. Cada um olho pode dar quatro cachos. Por exemplos, [AB|{PH|'dejtē}=(deitam)} chamam-{PH|li=lhe}], os cachos – chama-se-{PH|li=lhe} a gente espigas –, quando é que [AB|coisa] isto dá em crescer, em depois cada um olho já tem deitado duas espigas [AB|e{fp}] e quatro, até. Às vezes, isto deita dois olhos e deitam quatro. É conforme a força das parreiras – não é? – e conforme a qualidade, também – a qualidade dos vedonhos. Por exemplos, [AB|aquele] aquele vedonho ali, isto é doutra qualidade; isto é aqueles cachos que a gente {PH|li=lhe} chama {fp} (ceuta) roxa – não sei se o senhor já tem ouvido falar –,

INQ Não.

INF aqueles cachos grossos, grandes e vermelhos {pp}, e (aquilo) são com uma pele muito maciinha; mas aquilo é já uva [AB|para] para vinho.

INQ Pois.

INF Aquilo chama-se o arinto branco ou tinto. Aqui, na nossa coisa, é o arinto preto – aqui na nossa zona.

INQ Arinto.

INF [ABI|Há arinto] Há arinto preto e arinto branco.

INQ Mas o vedonho é o quê? É outra marca, é outra casta?

INF Não, o vedonho é outra casta. A gente, os vedonhos, chama-lhe vedonhos à qualidade das parreiras, [AB|aquilo] aqui no Alentejo. À qualidade das uvas é que a gente lhe chama vedonhos. Por exemplos, este é um vedonho, aquele é outro, assim como {PH|li=lhe} a gente disse – não é? –, aqui. (É) aqui o estilo aqui do coiso. [AB|E é, e aque-] E aquela qualidade de vedonho – como a gente lhe chama – {fp} dá cachos, mesmo até sem ser enrolados. [AB|Me-] Mesmo até os rebentos que ({PH|ri'bētēj=rebentam}) /rebentem\ pela cepa acima, {fp} dá cachos. {pp} Ao passo que estes, e muitas outras qualidades, já não são assim. {pp} Já são doutra maneira. Já não {PH|'dejtēj=deitam} tantos, não é? Alguns {PH|'detēj=deitam} cá mais acima; outros mais abaixo. É conforme as qualidades, não é?

Código de identificação do ficheiro: AAL04-C	
Localidade: Sapeira Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1983
Informante1: Alberto Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: Porto da Espada (prosp.) lado: B min: 993-1013	
Inquiridor2: Gabriela Vitorino	
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora	
Autor da primeira transcrição: Catarina Magro	Data da primeira transcrição: Fev.00
Autor da revisão final: Maria Lobo	Data da revisão final: Jul.00
CD nº: 07A faixa: 04	

INF Uma vez veio aqui um{fp} senhor, aqui à minha adega [AB|(e) /em\ que{fp} escolheu] – pronto, ele trabalhava na Suíça {pp} e parece que era pintor – e{fp} escolheu logo isto aqui [AB|para fa-] para pintar aqui esta vista toda. [AB|Sen-] Sentou-se aqui assim [AB|mas (é que) /aqui\ isto aqui].

INQ1 É que apanha muito...

INF Sentou-se aqui, numa cadeira, e uma mesa à frente. Quando foi no fim [AB|que] aí dum bocado, já um bocado grande... Que ele quando ele além chegou abaixo, tinha isto tudo: além com aquele moinho de vento até àquelas casinhas além, que se chama Barretos; além com aquelas pedras, mesmo além naquelas, chama-se além o cancho de São Lourenço, além assim, tudo; [AB|aquele, aquele] além aqueles cumes; além assim, aquilo tudo; e aqui esta vista toda. Isto foi no mês de Agosto, {IP|'tavɐ=estava} assim [AB|o{fp}] os castanheiros tudo verde, essa coisa. Aquilo era uma coisa lindíssima depois de pintado.

INQ2 Deve ser lindo.

INF E, depois, ele mostrou-me aquilo depois de pintado, que aquilo é que era uma coisa mesmo linda.

INQ2 Deve ser lindo.

INF E disse-me ele que ia receber assim uns {PH|tu}'tôziɜ=tostões} bons por aquilo. (...) Parece que na Suíça que dão muita importância a essas coisas.

INQ2 Pois, pois. Sim, sim.

Código de identificação do ficheiro: AAL05-C	
Localidade: Sapeira Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1983
Informante1: Alberto Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Cassete nº: Porto da Espada (prosp.) lado: B min: 1164-1178	
Assunto: A vinha e o vinho	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 05	
Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Jul.00	

INF E mesmo os potes para ferverem nunca podem ficar cheios. [AB|Fica só] Um terço tem que ficar vazio – em vazio. Por exemplo, [AB|se o] se o pote leva{fp} – chama-lhe a gente – um almude, é de vinte litros; se um pote leva dezoito, coze com doze, que é para em depois para ter coiso, para ferver e [AB|depois não en-] para {PH|nũ=não} entornar. Assim, quando em depois começa a cair é que a gente vai despejando de um para o outro – não é? – para ficar cheio. E depois, em {IP|têdu=estando} as graínhas tudo no cimo e que {IP|teze=esteja} completamente cozido, como a gente {PH|li=lhe} chama, a gente prova, não é? Quando{fp} já sabe a vinho, {fp} funde-se então com estes canudos. A gente tira, tira o vinho todo, e fica o bagaço. Que em depois o bagaço é que é que vai ali para o alambique [AB| e para fazer a{fp}] para fazer a aguardente – que é o{fp} bagaço, como a gente {PH|li=lhe} chama, a aguardente, não é? Nós, aqui, é aguardente; mas há quem {PH|li=lhe} chame bagaço, não é?

Código de identificação do ficheiro: AAL06-C	
Localidade: Sapeira Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1983
Informante1: Alberto Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: Porto da Espada (prosp.) lado: B min: 1547-1588	
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 06	
Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Jul.00	

INF Porque aquele gado até se conhece nas feiras. Aquele gado conhece-se até nas feiras. Parece impossível mas aquilo conhece-se [ABlonde quer] {fp} onde quer que eles (tenham essa)...

INQ Mas não, não havia?...

INF Até [ABItem um{fp}] tem [ABluma] umas características [ABlde-] diferente [ABlde, do] do nosso gado, {IP|ta=está} a compreender?

INQ Mas quando o gado nasce aqui, não vem, não, não punha uma marca na orelha?

INF (Põem) /Põe {pp} um brinco. {pp} Mas [ABli-] isso, isso [ABl{PH|nũ=não}] {PH|nũ=não} é quando nasce, é quando são vacinados.

INQ Quando são vacinados, pois.

INF Mas isso é só para nos prejudicar a nós. Porque [ABl se eu], por exemplos, eu tenho o meu gado todo vacinado e todos têm o brinco – o senhor, se chegar ali, vê: todos têm o brinco; tenho ali os papéis das vacinas, tudo legal [ABldentro do{fp} de]; aquilo dá para seis meses e o meu gado foi todo vacinado em Novembro, {IP|ta=está} a compreender? – porque tinha uns novilhos para vender e tive que os vacinar todos {pp} (por aquilo), mas aqueles que {PH|'ẽdẽj=andam} aí, assim aos pulos de um lado para o outro, esses não é preciso vacinas, não é preciso guias, não é preciso nada.

INQ Ai não?

INF Pois não. O que é que julgava?

INQ Não, é que eu julgava que depois na feira...

INF Eles vão buscá-los ali à fronteira e{fp} aquilo eles lá passam de qualquer maneira e {pp} com essa coisa. [ABlE aquilo]

INQ Pois, não mas é que eu julgava que depois, na feira, todos tinham que ter o...

INF Ah, todos não. Então aquilo não é visto por ninguém! Aquilo se calha aparecer guarda-fiscal no caminho, sim, na estrada – não é? – eles vão ver aquilo. Depois vêem, {PH|pir'gũtẽj=perguntam} (papéis) /: "E papéis"?\. Então, mas eles também não vão ver todas as camionetas, não vão ver o gado

todo. [AB|Então] Então agora, numa feira, iam lá ver o gado todo! Eh! Então aquilo... Para ali dois ou três e pronto. E{fp} parte [AB|de] até das coisas, [AB|nin-] ninguém pergunta por coisa nenhuma.

[AB|Aquilo até já] Aquilo até já se sabe. [AB|E p-]

INQ Não, mas é uma pena. É pena, quer dizer, é pena só por causa tanto dos senhores que têm o gado para vender como das pessoas que depois que vão comê-lo, não é?

INF É. [AB|Que{fp}] Pois, que o vão comer. Pois é. Isso é que é pena. Eu até não sei mas é até

[AB|como não há fa-], sim, como o governo [AB|não se] não olha para isso.

INQ2 Pois.

INF Não sei. É que, por exemplos, [AB|um comer-] um comerciante chega ali – até mesmo esses comerciantes de frutas, que {IP|tẽw=estão} ali na praça –, se {PH|ne=não} tiverem facturas, aquilo é uma multa, logo [AB|uma coisa] uma coisa (forte). Vão ver aquilo tudo, fazer contas a ver se as facturas {IP|tẽw=estão} bem e essa coisa toda. Por exemplos {fp}, eu – isto é uma experiência que é {fp} própria mesmo e {fp} verdadeira e concreta –, eu, [AB|aqui] aqui há dois meses, vendi uns suínos que aí tinha {pp} a três contos e duzentos {pp} a arroba, ou seja, a duzentos e vinte escudos o quilo, {IP|ta=está} a compreender? Estes agora que vendi, {pp} já foi a {fp} dois contos setecentos e cinquenta. Ora, já o (Senhor Doutor) {IP|ta=está} a ver,

INQ1 Mais quinhentos e trinta.

INF [AB|me-] menos{fp} talvez quatrocentos e qualquer coisa de escudos ou quinhentos, talvez...

INQ1 Quinhentos e trinta.

INF Quinhentos e trinta escudos.

Código de identificação do ficheiro: AAL07-C	
Localidade: Sapeira Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1983
Informante1: Alberto Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: Sapeira e Castelo de Vide lado: A min: 86-143	
Assunto: A ceifa e a debulha	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 07	
Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Jul.00	

INQ Vinham homens de fora para ajudar a ceifar ou aqui não era, não acontecia isso?

INF Bem, aqui sempre houve, mais ou menos, família{fp}. [AB|Aqui na] À roda aqui da vila, sempre havia família. Agora, nas tapadas, lá para baixo, vinha pessoal da Beira. [AB|Vinha] Chamávamos nós os ratinhos. E {PH|'vijnẽj=vinham} lá da Beira. Esses homens {PH|'vijnẽj=vinham} aqui só de propósito. Como a terra deles não dava pão, {PH|'vijnẽj=vinham} só de propósito.

{PH|li'vavẽj=Levavam} até mesmo pão! Por exemplos{fp}, o lavrador, dizia ele, por exemplos: "esta tapada, ou este curral, tem tantos alqueires (de) trigo ou centeio". E de forma que eles {PH|se'favẽj=ceifavam} à meia semente. Por exemplos, se levava vinte alqueires de semente {pp} semeada, se tinha vinte alqueires semeada, eles {PH|ga'navẽj=ganhavam} dez para ceifar aquilo – só ceifar, mais nada. (Em) /E\ depois então, é que (vinham) /iam\ os outros {fp} acartar, engrelar – chamava-{PH|li=lhe} a gente engrelar –, que isso então já se dizia em medas. Era emedado, não é?

INQ Mas na terra ou junto à eira? Na terra.

INF {fp} Junto à eira.

INQ Junto à eira.

INF Não, isso{fp} {fp}, na terra, era carregado. Chamava-{PH|li=lhe} a gente carregado. Era fazer vinte molhos em cada monte, vinte molhos, {pp} tudo com a espiga para dentro, tudo aquela coisa assim, e [AB|leva-se] leva-se aquilo. Quando aquilo {IP|'tavẽ=estava} tudo ceifado e carregado, então [AB|lé que iam os carros] é que iam os carros, então, acartar {PH|pra=para a} eira. Faziam-se medas e, dali, ia-se tirando, [AB|conforme] sim, conforme [AB|lo{fp}] os animais que {PH|'erẽj=eram} a trilhar, não era?

INQ Pois.

INF Por exemplos, [AB|se, se era mui-] se a eira era muito grande e que havia muita égua, muito macho, muita mula, muita coisa para fazer aquilo e muito homem... Aquilo, por exemplos, aqueles

lavradores grandes, era logo ali uma quantidade de carga – chamava-{PHlli=lhe} a gente uma carga, uma carga são vinte molhos. {fp} Que aquilo [ABlera] era tudo carregado [ABlera de] , sim, fazia logo uma quantidade [AB|de, de] de cargas. Mas, quando era assim pequeno, como a gente aqui tinha, {fp} a gente era aí quatro cargas de cada vez era como a gente fazia, sempre quatro cargas. Nós, aqui, era sempre aí quatro cargas era o que a gente debulhava.

Código de identificação do ficheiro: AAL08-C	
Localidade: Sapeira Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1983
Informante1: Alberto Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: Sapeira e Castelo de Vide lado: A min: 198-215	
Assunto: A ceifa e a debulha	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 08	
Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Jul.00	

INQ E o que era uma gavela? Ou aqui não se usava?

INF [AB|Uma gavela é aquela que, uma gavela {pp} é aquele] Chamava-se gavela [AB|lou en-] ou entulho. Por exemplos, [AB|lé aquilo] é [AB|lum] um negalho que a gente tira quando anda a ceifar... Apanha, por exemplos, duas espigas ou três {pp} com{fp} as palhas e dá uma volta {pp} à manada por causa de {PH|nũ=não} espalhar com o vento.

INQ Pois.

INF Mesmo que venha o vento, {fp} aquilo não espalha. {IP|ta=Está} a compreender?

INQ Isso é que se chamava gavela.

INF [AB|Isso é] Isso é que se chamava uma gavela.

INQ Portanto, era uma manada que tivesse um atilho à volta.

INF Uma manada que tivesse um{fp} negalho. Eu chamo-lhe com um negalho enrolado. Chamava-{PH|li=lhe} a gente um negalho.

Código de identificação do ficheiro: AAL09-C	
Localidade: Sapeira Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1983
Informante1: Alberto Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Cassete nº: Sapeira e Castelo de Vide lado: A min: 223-243	
Assunto: A ceifa e a debulha	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 09	Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Jul.00

INF [ABIO] O negalho [AB]lera só para, só em, a coisa que tinha] só a utilidade que tinha era para não deixar espalhar com o vento e aumentava a paveia ou [AB]la a manada. Porque, se a gente começasse {pp} a ceifar {pp} e {fp} que não fizesse aquele negalho, não era capaz de apanhar tanto com um coiso. E de forma (que) [AB]com] quando a gente tinha a mão cheia já – o feixe da mão cheia – atava- {PH]li=lhe} o negalho. E (em) depois segurava com estes dois dedos de cima; e estes de baixo {PH]pe'navĩ=apanhavam} mais pão. {IP]ta=Está} a compreender? Que até {PH]u'zavĩ=usavam} umas dedeiras de propósito [AB]para{fp}, para] para ser mais comprido [AB]para]. À uma para não cortar {pp} os dedos e à outra para (descer) mais comprido [AB]do] do que os dedos, para apanhar mais [AB]m-, m-] – sim, para a manada ser maior, não é?

Código de identificação do ficheiro: AAL10-C	
Localidade: Sapeira Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1983
Informante1: Alberto Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: Sapeira e Castelo de Vide lado: A min: 320-387	
Assunto: A ceifa e a debulha	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 10	
Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Jul.00	

INQ Então porque é que disse que as eiras eram normalmente em cima dos cabeços, era porquê?

INF Por causa do vento. Porque, numa cova, nunca há tanto vento como há num cabeço, quando é no Verão.

INQ Pois.

INF [AB|(E não)... E é, e é-] E é uma coisa: numa cova, por exemplos, [AB|ne-] nesta cova, aqui onde nós estamos, {fp} se o vento viesse dali que batesse numa erva ali do outro lado, voltava para trás [AB|e {PH|nũ=não}] e {PH|nu=não} era certo – não era aquele vento certo sempre a passar. E num cabeço, não tendo nada que lhe fizesse mal, o vento {IP|tavø=estava} sempre certinho, sempre a passar; e limpava-se com mais facilidade.

INQ Portanto o, quando se manda ao vento, diz que, o que é que se diz que está a fazer, está a ...?

INF A desempalhear. E em depois, é padejar. A desempalhear, é só palha. É que quando {IP|ta=está} a {fp} palha juntamente com o grão, [AB|aven-, aventa-] aventa-se ao ar – não é? – e a palha vai para um lado e o grão vai para outro. Até mesmo aquilo tem um jeito para desempalhear. A gente tem que rodar este pulso, conforme é cada um: alguns {PH|pegĩ=pegam} {pp} em baixo com a mão direita; outros {PH|pegĩ=pegam} com a mão esquerda. Eu, por acaso, era com a mão esquerda cá em baixo. E a gente dava assim o jeito ao pulso [AB|para] para ir o {fp} trigo para um lado – (ou) o grão para um lado – e a palha para outro. E (em) depois (abalava) com o vento. E aquilo era passado muitas vezes; aquilo não era logo à primeira vez. Aquilo ia passando. Por exemplos, a gente começava aqui a desempalhear e a palha ia sair aí quatro metros ou cinco mais à frente para ir-se passando, passando, até que em depois o grão ia ficando todo para trás. Quando aquilo já {IP|tavø=estava} a palha toda tirada, a gente agarrava [AB|numa] numa giesta – um bocado de giesta; chamava-se uma conha – e (aconhava) por cima. Tirava-~~{PH|li=lhe}~~ as palhas todas por cima. E (em) depois, então, ficava só aquela moinha; juntava-se num monte e atirava-se ao ar. Isso chamava-se padejar. Era já com

uma pá de madeira, {pp} com uma pá de madeira. Chamava-se padejar, ou para cima duns toldos [AB|de] de linhagem {fp} ou mesmo até {PH|pɔ=para o} chão.

INQ E, depois, dentro de que é que se guardava o grão?

INF Como?

INQ Dentro de que é que se guardava o grão?

INF [AB|Dentro, havia] Havia as tulhas; {PH|ʃɐ'mavẽsi'li=chamavam-se-lhe} tulhas. [AB|Mas]

INQ Que eram feitas em cimento, em tábuas.

INF [AB|Fei-, feitas em] Feitas em... {fp} Algumas era em madeira e outras era mesmo uma casa feita [AB|com] com pedra e {fp} cal, [AB|gu-] bem guarnecida em ar de não entrar lá assim muita humidade e {fp} guardava-se ali o {fp} grão; chamava-se tulhas. Mas as de madeira {PH|'erĩ=eram} melhores porque {PH|nõ=não} apanhava tanta humidade.

INQ Pois.

INF (Até) outras vezes, dentro de sacos, não é? Aquilo também se enchia. Também se enchia sacos (e punham). Nós cá, por acaso, cá no tempo dos meus pais, era tudo cheio de sacos. Sacos grandes!

Punha-se aquilo; havia uns sacos mesmo grandes que {PH|li'vavẽj=levavam} aí... {pp} Muito!

{PH|li'vavẽj=Levavam} aí seiscentos quilos ou mais. E de forma que a gente punha aquilo assim à roda das paredes e enchia-se aquela coisa.

Código de identificação do ficheiro: AAL11-C	
Localidade: Sapeira Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1983
Informante1: Alberto Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: Sapeira e Castelo de Vide lado: A min: 528-546	
Assunto: A oliveira e o azeite	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 11	
Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Jul.00	

INF Há quem lhe chame pios e há quem lhe chame galgas de pedra.

INQ Pois. E depois, elas eram, ou essa, essa massa era posta dentro de umas coisas, não era?

INF {fp} Não. [AB|Aquilo trabalhava] Aquilo trabalhava dentro duma caixa, {pp} em ferro, e debaixo era pedra e [AB|{CT|kũ=com um}] {CT|kũ=(com um) /com\} rodapé (todo) /tudo\ em ferro, por causa de [AB|{PH|nũ=não}] {PH|nũ=não} saltar a massa para fora, não é? (As) azeitonas caíam no meio, e em depois {PH|ã'davĩ=andavam} ali à {fp} volta, [AB|as, as] as galgas a passar-{PH|li=lhe} por cima, ali apertadas, porque tinha uma caixa em ferro dos dois lados. A galga trabalhava dentro daquela caixa [AB|mas de-] mas, debaixo, era pedra. [AB|Era da] Era da mesma pedra [AB|d-, do pio, da-] das galgas, não é? Isso, a galga [AB|e o {fp}] e a caixa, é que {PH|li=lhe} {PH|'femĩ=chamam} o pio.

INQ Às duas coisas.

INF As duas coisas [AB|conjun-] conjuntas é que é o pio.

Código de identificação do ficheiro: AAL12-C	
Localidade: Sapeira Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1983
Informante1: Alberto Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: Sapeira e Castelo de Vide lado: A min: 587-597	
Assunto: O azeite	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 12	
Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Jul.00	

INQ E, depois, a água ia para onde?

INF [AB|A, a á-] A água ia {CT|pɔ=para o}... Chamavam-lhe o ladrão. [AB|Ia {CT|pɔ=para o}] Ia {CT|pɔ=para o} ladrão, pois. Ia {CT|pɔ=para o} ladrão, mas aquilo chamava-se-{PH|li=lhe} ladrão, mas aquilo deve de ser assim também por {fp} uma coisa assim {fp}...

INQ Fazia-se azeite era dali...

INF Pois é. O azeite que ia, o freguês – aquilo [AB|quando era assim] quando era assim por maquia, conforme é ainda hoje – aquele azeite que abalava, o freguês nunca tinha nada daquilo. Aquilo era {CT|pɔ=para o} dono do lagar. É por causa disso é que é que {PH|li=lhe} {PH|ʃe'mavĩ=chamavam} o ladrão.

INQ É que se chamava ladrão.

Código de identificação do ficheiro: AAL13-C	
Localidade: Sapeira Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1983
Informante1: Alberto Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Cassete nº: Sapeira e Castelo de Vide lado: A min: 628-639	
Assunto: Alfaias agrícolas	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 13	
Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Jul.00	

INF E depois, então, aquilo era lavrado {pp} com charruas, assim{fp} puxadas até por duas ou três juntas de bois – charruas grandes {pp} que havia aí assim. Isto há [ABlcoisa duns{fp}] à volta [ABldum] duns cem anos ou coisa assim que {PHlɐpɐri'seĩ=apareceram} [ABlaquela, aque-] aquelas charruas grandes. [ABl{PHl'foĩ=Foram} as pare-] {PHl'foĩ=Foram} aqui para Castelo de Vide. {PHl'foĩ=Foram} uns ingleses que trouxeram para cá aquilo, que {PHl'eĩ=eram} os{fp} primeiros donos aqui do prado. Umas charruas muito grandes, puxadas por três juntas de bois, bois ou vacas {pp} ou parelhas.

Código de identificação do ficheiro: AAL14-C	
Localidade: Sapeira Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1983
Informante1: Alberto Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: Sapeira e Castelo de Vide lado: A min: 673-719	
Assunto: Preparação do terreno e rega	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 14	
Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Jul.00	

INQ E, e depois de semear, não, não passava uma...? Tem aqui fora uns dentes?

INF [AB|P-] Uma grade. (Pois) /Depois\, {CT|kumɐ=com uma} grade, uma grade de facas. As primeiras que {PH|ɐpɐr'seɾi=apareceram} {PH|'eɾi=eram} [AB|de{fp}] de madeira – com facas de madeira. E agora são as facas de ferro. São as facas de ferro. E hoje, então, há já as coisas melhores, que é uma fresa, {pp} puxada com (um) tractor, não é?

INQ Pois.

INF Isso, então, isso é que é a coisa melhor [AB|para, para] para partir.

INQ Mais depressa.

INF Isso é que (anda) /é\ mais depressa e{fp} mais perfeito, não é? É a tal grade com facas {pp} de ferro – de ferro ou madeira.

INQ Sim senhor. Olhe, e que nome é que se dava a um terreno que se deixava de um ano para o outro para, quando, quando se mudava de, de sementeira, portanto, que era para descansar?

INF {fp} Pousio. Chamava-se pousio. Ainda hoje se chama pousio. Há, por exemplos, há tapadas...

Dantes as tapadas {PH|'eɾeĩ=eram} feitas só de quatro em quatro anos. Era mesmo uma tapada mesmo... Quando o senhorio {pp} arrendava uma propriedade dessas, era mesmo com o trato de ser {fp} feita – chamava-{PH|li=lhe} a gente fazê-la – só de quatro em quatro anos. O{fp} primeiro ano {pp} era de alqueive. Era esse alqueive que a gente lavra e que a gente faz essa coisa. E o segundo ano {pp} era de seara; (em) /e\ depois era de feno; (em) /e\ depois era de relva para pastagem {CT|prɔ=para o} gado. (...) Porque dantes {fp} era ao contrário; dantes, havia muito quem trabalhasse e portanto metia aqueles preceitos. Hoje, é ao contrário. Hoje, quem arrenda uma propriedade é logo com o trato [AB|de] de arranjar o mais depressa possível, porque {IP|tẽw=estão} mesmo abandonadas. E dantes, até não {PH|de'javẽj=deixavam} trabalhar tanto.

INQ Pois. Não deixavam...

INF Não {PH|de'javĩ=deixavam} por causa de {PH|nũ=não} cansar as terras.

INQ Claro.

INF Claro.

INQ E, e não havia uns terrenos, aqui, que eram propriedade de todos? Não, não, não se lembra ainda, que eram assim...? Que era, ninguém sabia, portanto, não tinham dono, até, muitas vezes, levavam o gado para lá?

INF {fp} [AB|Aqui] Aqui, na nossa zona, constava-se – mas isso eu não tenho a certeza {pp} – {fp} que o prado {pp} que era do povo. Em depois, {PH|vi'etẽj=vieram} (os) /uns\ ingleses,

{PH|kõ'praĩ=compraram} um bocado e {fp} {PH|pu'zerĩ=puseram} uns marcos e paredes e

{PH|pe'jaĩ=apanharam} aquilo tudo ao povo. Constava-se isso, mas isso eu, (ao) certo, não sei. Mas já tenho ouvido dizer isso [AB| até ao]. Eu (ouvi) /ouvia\ falar nisso ao meu pai.

INQ Claro. Claro.

INF E tenho ouvido falar até a mais pessoas.

Código de identificação do ficheiro: AAL15-C	
Localidade: Sapeira Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1983
Informante1: Alberto Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: Sapeira e Castelo de Vide lado: A min: 774-787	
Inquiridor2:	
Assunto: O terreno, configuração e constituição	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 15	
Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Jul.00	

INQ Numa propriedade, às vezes, quando não havia parede, o que é que separava uma da outra para a gente saber...?

INF Uma linda. Chama-se uma linda.

INQ Que era feita de quê?

INF [ABIDe{fp}] Bem, {fp} de terra brava, não é? Punha-se uns marcos, e (em) depois, aquele bocado, como não era cultivado, deitava umas ervas {pp} bravas – não é? – e aquilo nunca se desmanchava. Até, aqui, até há uma coisa dessas.

INQ Pois, ali em cima.

INF Pois, ali em cima, há uma coisa dessas. Fica aquela barreira no meio – uma barreira, [ABlum{fp}] um coiso no meio – {CTlkū=com um} marco aqui, outro além, [ABld-] desviado cinquenta metros, acolá ao cimo e coiso. {fp} É a linda. E depois, {fp} cada um arranja do seu lado e fica aquela {pp} coisa que nunca se {PHlli=lhe} mexe. Chama-se uma linda.

INQ Pois.

Código de identificação do ficheiro: AAL16-C	
Localidade: Sapeira Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1983
Informante1: Alberto Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: Sapeira e Castelo de Vide lado: A min: 918-940	
Assunto: Preparação do terreno	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 16	
Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Jul.00	

INQ Ó Senhor Alberto, e quando, portanto, quando semeava cereal, quando era uma extensão mais larga que quando estava a semear não abrangia só de uma vez, não fazia uns regos, primeiro, que era para...?

INF Fazia {pp} as belgas. (Chama-se) /Chamam-se\ as belgas.

INQ Tal e qual como se chama as belgas ali para aquelas...?

INF Pois, como chama-se aqui embelgar; (chama-se) /chama-se-lhe\ mesmo embelgar. [AB|É um regos que...] Ainda hoje se faz. [AB|Ainda ho-] Ainda hoje se faz. Mesmo até para semear a forragem tem que se fazer as belgas. Quando não, a gente não abrange. {fp} A gente, com uma mão... ({fp} Mais), eu semeio [AB|de, do] com dois arcos mas, mesmo assim, nunca apanho [AB|mais] a distância mais do que três metros e meio, quatro metros {pp} quando muito, quatro metros é já à rasca.

INQ O que é que chama semear de dois arcos? Portanto é...?

INF (É{fp}) fazer um arco assim, largar uma mão cheia assim, e a gente, quando é que mete a mão ao sementeiro – que como a gente anda com{fp} um... não sei (se o senhor) se já tem visto? –,

INQ Pois, pois. Já.

INF a gente enche a mão, apanha do sementeiro e aventa com ela assim; espalha no ar, não é?

INQ Pois.

INF E depois disso faz um arco. Faz um arco, porque começa a fazer um bico assim e vai acabar além.

INQ Sim senhor.

INF Mas [AB|como] como eu semeio (de) dois arcos, [AB|vou metade] faço o arco mais pequeno, assim, ao contrário. Um vai assim e o outro, em depois, vai assim.

Código de identificação do ficheiro: AAL17-C	
Localidade: Sapeira Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1983
Informante1: Alberto Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Alfreida Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: Sapeira e Castelo de Vide lado: A min: 1051-1078	
Assunto: A desfolhada	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 17	
Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Jul.00	

INQ Portanto, quando se apanhava, trazia-se a maçaroca para casa e, depois, o que é que se fazia?

Portanto, ia-se apanhar o milho à terra, não era?

INF1 Pois é. Apanhar, pois, o milho.

INQ E depois?

INF1 Então, depois era desencamisado {pp} e punha-se a secar numa eira até que era ou debulhado ou malhado.

INQ Portanto, àquilo que se tirava chamava-se camisa?

INF1 Camisa, pois. Descamisada. Chama-se mesmo uma descamisada. Havia mesmo pessoas [AB|que] que {PH|'erĩ=eram} convidadas. [AB|Aquilo era] Aquele serviço, dantes, era sempre feito à noite. Convidava-se ali os vizinhos, aquilo tudo, [AB|levava-se para lá um]. Era no tempo das melancias [AB|le] – sim, que é sempre no tempo do melão e da melancia – e comia-se ali umas melanciasinhas. Ajudar uns aos outros! Hoje, iam à descamisada dum; amanhã, iam à descamisada do outro; e aquilo [AB|lera] era assim uma coisa (toda) feita.

INQ E dava-se algum nome àquele milho que se encontrava, quando era mais, aquele vermelho?

Quando era um... Não havia umas maçarocas...?

INF1 Umas maçarocas roxas. Isso aí, isso era uma festa; isso era tradição (...) aqui.

INF2 Sal e beijos.

INF1 [AB| Quando aparecia uma] Quando aparecia uma com uma bandeirinha, era um beijo. Quando aparecia um com um (abrado), ou [AB|com, com] com lá com{fp} outra coisa{fp}... Como é que era? Uma bandeirinha era um beijo; uma roxa{fp} {pp} era um abraço. Andar por ali assim, {fp} brincar todos uns com os outros!

INF2 Era uma festa, não é?

INF1 Era uma festa, não é? [AB|Alguns até] Que isso era muito difícil de aparecer uma maçaroca mesmo roxa. Mas como havia já alguns que já {PH|'tjñēj=tinham}, assim já de há muito tempo –

outros até as {PH|pĩ'tavẽj=pintavam} -, {PH|li'vavẽj=levavam} aquilo no bolso e quando (era) /der\ :
"(Olha que eu tenho) uma roxa"! e tal e coiso – só para se agarrarem às cachopas a darem {fp} umas
beijocas, umas coisas.

Código de identificação do ficheiro: AAL18-C	
Localidade: Sapeira Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1983
Informante1: Alberto Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Alfreda Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: Sapeira e Castelo de Vide lado: A min: 1096-1119	
Assunto: A farinha: moinho e panificação	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 18	
Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Jul.00	

INF1 Havia um forno, aqui, que se pagava{fp}... Cada tabuleiro {pp} que se lá ia cozer, pagava-se um pão. E de forma que nós íamos sempre – era ali em baixo –, nós íamos sempre ali. Quando era{fp} cá no meu tempo {pp} de solteiro e essa coisa, [AB]lia eu é que ia sempre levar o tabuleiro à minha mãe. Agarrava no tabuleiro...

INQ O tabuleiro era quantos pães?

INF1 {fp} Bem, conforme. Fazia-se ali dezassete, dezoito, vinte, quinze... Era conforme a quantidade que amassávamos (...).

INQ Pagava-se um.

INF1 Pagava-se um.

INQ Dava-se algum nome àquele pão...?

INF1 Aquilo chamava-se uma conta. Era de vinte, já se tirava um. De vinte para cima{fp}, (parece) /parece-me\ que tirava-se mais; eu não sei bem como é que...

INF2 E se fossem dez ou doze, {PH}lti' ravẽj=tiravam} um {pp} à mesma.

INQ E não davam um nome àquele pão que se dava de paga? Aqui, não sei se... Não?

INF1 Bem, {pp} parece-me que... Bem, era a paga do forno. [AB]Era isso] Era isso que [AB]se] {pp} parece que se fazia. Parece que eu que ouvia falar nessa coisa: "Então, já tirou a paga"? ou coisa. Era assim, era.

INQ Pois. Portanto, mas a pessoa, quando ia cozer lá, também tinha que levar a lenha que era para aquecer o forno, não?

INF1 Não, não. {fp} Punham eles tudo. O que é que {PH}zũ'tavẽj=juntavam} e não podiam amassar todos no mesmo dia. Ou no mesmo dia! Um hoje e outro amanhã! Aquilo o forno levava ali três ou quatro tabuleiros, não é, até três ou quatro {pp} fregueses, e de forma que {PH}zũ'tavĩ=juntavam} e {PH}fku'kĩĩ=escolhiam}, mais ou menos, a hora e o coiso [AB]e], que era para cozer tudo para não gastar tanta lenha. Por exemplos, uma{fp} fornada dava [AB]para lo-] logo para todos.

Código de identificação do ficheiro: AAL19-C	
Localidade: Sapeira Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1983
Informante1: Alberto Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Alfreda Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: Sapeira e Castelo de Vide lado: A min: 1130-1144	
Assunto: A farinha: moinho e panificação	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 19	
Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Jul.00	

INF1 No Alentejo, nunca se comeu pão de milho.

INF2 Para aqui, pão de milho, não.

INQ E, e às vezes, não, não se fazia um pão que lá dentro, antes de se pôr no forno, punha-se uma sardinha ou um chouriço lá dentro?

INF1 Pois, isso era um bolo. Isso chama-se bolo. {fp} Havia. {PHlfe'ziĩ=Faziam}. Fazia. Era um bocado de massa estendida; (em) depois (punha-lhe) /punham\, por exemplos, uma sardinha ou duas, ou {fp} umas rodela de chouriço; [ABlrodela, até] até rodela de maçã e coisa. Aquilo dava-se um nome àquele bolo, mas eu já não sei bem como é que era. Aquilo era... Eu sei que era só com mais {pp} chouriço e {fp} sardinha [ABlé que é que] {pp} é que se fazia.

INF2 Mas com (o) chouriço era melhor.

INF1 Ah, pois.

INQ Claro.

INF1 E de forma que... Agora, como é que é que se chamava aquilo, [ABlnão, não] não sei. Não. O nome daquilo não sei. Isso já foi já há tanto ano.

Código de identificação do ficheiro: AAL20-C	
Localidade: Sapeira Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1983
Informante1: Alberto Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Alfreda Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: Sapeira e Castelo de Vide lado: A min: 1170-1190	
Assunto: As festas religiosas e profanas	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 20	
Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Jul.00	

INF1 [ABIO, O milho, o] O{fp} milho era pela ocasião [ABldo{fp}] dos Santos.

INF2 Dos Santos.

INF1 Que{fp} a tradição, aqui, do almoço do dia dos Santos, que é no primeiro de Novembro, era fazer papas de milho.

INF2 Papas de milho.

INF1 Papas de milho. E de forma que havia lá – havia na vila – [ABluma] umas mulherzitas {pp} que tinham um{fp} aparelho com duas pedras {pp} {fp}, manual, e {PHI|e'maviç=chamavam-lhe} uma zangarilha, que era onde {PHI|i=iam} moer o milho, {pp} para fazer as papas. Aquilo só trabalhava, mais ou menos, só naquela altura, não é?

INF2 Só.

INF1 Naquela altura e{fp} [ABlna-] naquela época, sim, naquele dia ou próximo; naqueles próximos dias é que ele trabalhava ali.

INF2 Toda a gente comia papas.

INF1 E de forma que [ABlfazer] {PHI|i=iam} lá moer aquilo à zangarilha. Era{fp} uma coisa manual.

Eu [ABlnun-] nunca vi aquilo, mas a minha mãe falava-me nisso. Chama-se uma zangarilha, (era).

INQ E, mas essa, essa das papas dos, portanto, de fazer papas de milho nos Santos, ainda, ainda se lembra de comer ou o senhor já...?

INF1 Então, mesmo hoje ainda se faz.

INQ Ah, ainda é normal?

INF2 Olhe, deitamos nós um (pacote só para)...

INF1 {fp} Deixe lá ver que em depois fica lá tudo, homem. Fica uns dum lado e depois não se entende.

INF2 Então vá.

INF1 {fp} Que ele, ainda hoje, há essa tradição, {pp} cá. [AB|Nós] {fp} Bem, nós cá, no tempo da minha mãe, quando nós éramos miúdos, (era) sempre as papas do dia dos Santos. Era sempre o almoço do dia dos Santos era papas.

Código de identificação do ficheiro: AAL21-C	
Localidade: Sapeira Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1983
Informante1: Alberto Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: Sapeira e Castelo de Vide lado: A min: 1196-1228	Inquiridor2:
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 21	Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Jul.00

INF Mas ainda há quem dê ao moleiro... Há uns moinhos, aqui em Póvoa e Meadas, e aqui no concelho de Marvão, daqueles moinhos a água...

INQ Ah, ainda há, ainda há?

INF Ainda há. Ali, [AB|em] no concelho de Marvão, ainda ali há umas coisas dessas.

INQ Em, em que terras, não sabe o nome?

INF Ali, assim, {CT|po=para o} pé da Portagem, ainda há umas coisas dessas.

INQ É que ali, na Portagem, não nos, já, disseram-nos que já não havia.

INF Não? Que não havia?

INQ Pois.

INF (Olhe), mas eu (jurava) /julgava\ que havia ainda. Mas ({fp} e se {PH|ekø¹barẽj}=acabaram) /o isso acabarem\ foi há pouquinho tempo. Uns moinhos [AB|de] de água, mesmo água.

INQ Pois, pois. Mas era no Sever, era no rio Sever?

INF [AB|E com] No Sever, no rio Sever. Isso ainda não há muito tempo.

INQ Pois. Mas para o lado de Espanha ou mais para baixo? Portanto...

INF Não. {fp} Ali logo a seguir à Portagem, por baixo do restaurante, aí assim.

INQ Huum... Agora, acho que já não há.

INF Já não há?

INQ Já não há, não. Mas em Póvoa e Meadas há, há?

INF Em Póvoa e Meadas, há eléctrico.

INQ Ah, é eléctrico.

INF Eléctrico. [AB|Com] Mas com as mesmas pedras, com a mesma coisa.

INQ Pois.

INF Isso aí ainda se leva para lá milho para moer. Até o rapazito – [AB|se{fp}] se lá quiser ir –, o rapazito até é meu amigo. Se {PH|li=lhe} falar em mim... É o Aldemar.

INQ Aldemar.

INF Aldemar. (É lá) o regedor {pp} da terra.

INQ Pois. É que isso, a gente, da outra vez, é que andou ali à volta e não, não conseguiu...

INF Ai sim? [AB|Mas eu] Mas (ali) eu julgava que ali não... Mas isso, se acabou, foi há muito pouquinho tempo. Num ano, não há de dois anos ou três que aquilo acabou, sim. Que era porque [AB|eu] eu lembro-me...

INQ Pelo menos, eles perguntaram-nos, a gente perguntou e não, disseram que por ali já não havia.

INF Talvez fosse as {PH|ta|z=tais} azenhas. As azenhas é que (naturalmente) não havia. Agora, os moinhos é outra coisa. É que uma azenha tem uma roda muito grande e coisa; e um moinho é uma (da) coisa... Cai a água assim, de frente {pp}

INQ Pois.

INF e{fp} faz moer as mós. {pp} Faz rodar, faz...

INQ Pois, mas a gente, amanhã, pode lá perguntar outra vez mas não... Não sei.

INF É boa! Mas olhe que eu, {pp} eu tenho a impressão [AB|que] que ele que havia ainda lá disso.

Código de identificação do ficheiro: AAL22-C	
Localidade: Sapeira Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1983
Informante1: Alberto Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: Sapeira e Castelo de Vide lado: A min: 1248-1268	
Assunto: O azeite	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 22	
Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Jul.00	

INF Até ainda não há muito tempo que havia aí um moleiro – até com uma carroça – {pp} que vinha aí. E a não ser que...

INQ Pois. É capaz.

INF Agora, por acaso, (eu também) não sei. [AB|A não ser que o indivíduo tivesse, a nã-] A não ser que o indivíduo arranjasse para lá alguma coisa eléctrica e que viesse.

INQ Mas a gente, a gente estava... Pois esse de Porto da Espada sei que arranjou, portanto, fez, tinha, mas já, já é mais antigo.

INF Bem, isso sempre foi moagem eléctrica,

INQ Sempre foi moagem eléctrica.

INF ele ali o de Porto da Espada. [AB|Ele isso] (Ele) /Ali,\ ali até nem passava o rio, não passava nada. Que ele até ali ainda não é bem... Sim, é o rio mas [AB|ch-] chama-se a ribeira de Marvão. O rio (em) depois começa (aqui) /que{fp}\...

INQ Mais abaixo.

INF Chama-se rio cá mais abaixo, não é? [AB|ma-] Mas é (a) ribeira de Marvão.

INQ Pois.

INF Mas eu tinha até{fp} coiso que ele que ainda {pp} funcionava, por ali assim, umas coisas dessas.

INF Pois, não sei. Mas, em relação ao azeite, o Senhor Alberto vende a azeitona e depois dão-lhe o azeite para trás ou vende essa...?

INF Não. Eu{fp} desfaço [AB|n-] à maquia. Desfaço à maquia. Agora, esta que tenho aqui no tanque, se me derem o dinheiro que eu entendo, eu vendo-a; e se não derem, desfaço à maquia. Que (aqui uma) /aquilo a\ maquia é doze por cento. [AB|(E ma-, E uma do-)]

INQ Doze por cento para, para quem mói, para quem moer.

INF [AB|Para] Para quem moer. Para quem (mói). Vêm aqui buscar as azeitonas, {PH|'levẽ]=levam} {CT|pç=para o} lagar, [AB|e{fp}] e em depois, (metia-lhe) /metiam-lhe\ de maquia doze por cento.

Código de identificação do ficheiro: AAL23-C	
Localidade: Sapeira Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1983
Informante1: Alberto Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: Sapeira e Castelo de Vide lado: A min: 1297-1303	
Inquiridor2:	
Assunto: O azeite	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 23	
Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Jul.00	

INQ Nesses lagares, o senhor recebe mesmo do, do seu azeite? De que levou a azeitona?

INF Recebo mesmo do meu azeite, mesmo do meu azeite.

INQ É? Porque, às vezes, como há, como há muita gente a levar, as azeitonas são misturadas.

INF Não, não. Aquilo, {fp} em sendo assim uma quantidade assim{fp} já grande{fp}, é tudo. Aquilo chama-se uma prensada. Em dando para uma prensada, que leva à volta de quatrocentos quilos, [AB]já se pode{fp}] já pode o indivíduo trazer o azeite dele.

Código de identificação do ficheiro: AAL24-C	
Localidade: Sapeira Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1983
Informante1: Alberto Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: Sapeira e Castelo de Vide lado: A min: 1365-1373	
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 24	
Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Jul.00	

INF [ABlÉ o] Isso é o edifício novo que {PHl'ẽđĩ=andam} a fazer agora. Mas isso ainda não trabalha e [ABlonde{fp}] onde é mesmo agora a casa dos bombeiros é cá em cima. Bom, até por acaso, os bombeiros até têm... Ali é as garagens, a casa [ABlé lá de] é lá mais acima, ao pé do Dom Pedro V.

INQ Pois.

INF Isso é que é também (aí). Também (tem aí) /têm\ outras garagens, agora...

INQ Ah, pois têm, têm lá, têm.

INF Eles têm duas instalações. [ABlag-{fp}] Agora, em fazendem o resto das outras é que fica tudo ali junto, já. Fica já ali a garagem. Fica casa {pp} para tudo, não é?

Código de identificação do ficheiro: AAL25-C	
Localidade: Sapeira Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1983
Informante1: Alberto Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Alfreda Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: Sapeira e Castelo de Vide lado: A min: 1382-1403	
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 25	
Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Jul.00	

INF1 Pois, aquele ali da vila [ABlé ma-] é mais pertinho; é igual, aquilo, a coisa é (toda) /tudo\ igual.

INF2 É o do Alexandrino.

INF1 Pois, o do Alexandrino ou o outro da Provide. É perguntar pela Provide, {pp} que é mesmo por baixo do Canapé.

INQ A Provide é o primeiro.

INF1 {fp} [ABlé o p-] {fp} Lá em {RC|ba=-baixo}. Por baixo, (lá) ao pé do Canapé.

INQ Ah, o Provide é por baixo do Canapé. E o outro é que é cá de cima.

INF1 [ABlQ] Q outro é do Alfeu. Mas esse{fp}, lá assim mais fundo, {pp} é que é... Bem, (não é) /mas\ por ser mais fundo ou coisa, isso não tem nada, não é?

INQ Pois, isso não, não faz diferença.

INF1 Isso {PH|nẽ=não} faz diferença. Aquilo tem uma escada para se descer lá para baixo.

INQ Pois.

INF1 [ABlé que ele{fp} se{fp}] Quando a gente vem do{fp} Canapé {pp} para cima, {fp} é logo...

[ABl{IP|ta=Está}] {IP|ta=Está} ali, faz aquela curva; a seguir à curva, {IP|ta=está} um portão; é logo o outro portão. [ABlé o] É o segundo portão.

INQ Antes daquela curva grande lá em baixo.

INF1 Pois. [ABlAntes daquela] {fp} Depois daquela curva grande, quando a gente sai [ABldo]

INQ Ah, depois.

INF1 do Canapé, {fp}[ABl{IP|ta=está}] faz ali uma curva – a estrada faz aquela curva, não é? Se vier para cima, encontra um{fp} portão – não é o portão que {IP|ta=está} na curva –, encontra um portão à direita, e (em) depois é logo o outro. Que o de baixo também pertence, [ABlmas{fp}] mas é ali {CT|po=para o} quintal. E aquele vai mesmo ter com as tulhas e mesmo com o lagar.

INQ Pois.

INF1 Vê logo um portão aberto – um portão grande de {pp} ferro, grande. Não é?

INQ Pois, é capaz de ser.

Código de identificação do ficheiro: AAL26-C	
Localidade: Sapeira Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1983
Informante1: Alberto Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Alfreida Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: Sapeira e Castelo de Vide lado: B min: 197-223	
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 26	
Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Jul.00	

INF1 Isto {IP|ta=está} cheio de castanhas,

INQ Ah, pois.

INF1 põe-se assim... E de vez em quando, a gente tem que fazer assim, dar volta às castanhas. Chama-se dar volta às castanhas. Quando não, não {PH|'asẽ]=assam}. [AB|Queimam-se uma-

{PH|'kemĩs=Queimam-se} umas e não...

INF2 Isso. (...) E depois põe-se ao calor. E depois, daí a {PH|bukẽ'dʃĩnu=bocadinho}, bocadinho a bocadinho.

INQ1 Mas elas, lá em cima, o que elas fazem... Como aquilo é muito largo, as castanhas ficam todas no fundo. É assim uma coisa larga.

INF1 Ah, sim. Então, é diferente.

INQ2 Portanto, é como fosse um cabaço.

INQ1 E depois, fazem assim.

INF1 Agora, depois de assadas, nós é que é que podemos, por exemplos, pendurar isto aqui, não é?

INQ1 Ah, pois.

INF1 Aí num gancho e, depois... (Um bocadinho) para não arrefecerem!

INQ1 Mas o, lá é um, é um caldeiro como se fosse o caldeiro de purgo.

INF1 É boa! [AB|Então não] Então eu não conheço isso. [AB|Isto aqui é o que se usa aqui no] O que se usa aqui no Alentejo é isto. Há uns maiores e outros mais pequenos, não é?

INF2 Pois, há mais pequeninos. Há maiores mas...

INF1 Ai, há uns grandes. (Até) há uns grandes e há outros mais pequenos ainda. [AB|Este é] Este é um dos médios; dá aí para {fp} cinco ou seis pessoas, à vontade, para comerem.

INF2 Pois. Não, mas este é assim pequenino.

Código de identificação do ficheiro: AAL27-C	
Localidade: Sapeira Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1983
Informante1: Alberto Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: Sapeira e Castelo de Vide lado: B min: 571-593	
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 27	
Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Jul.00	

INF (É que) /Aquì nós, por exemplos, [ABlcom, se] se nós soubéssemos... Bem, deixar a vida de todo, não.

INQ Pois.

INF Mas se soubesse que isto [ABlque{fp}] que não nos {PHlti' ravẽ=tiravam} [ABlo{fp}] o valor ao dinheiro ou assim qualquer coisa, (que a) Caixa é que ia pagando sempre [ABlo] o jurozito, assim coisa, eu, agora, vendia algumas propriedades e vendia o movimento da vida e ficava [ABlsó com uma] só com umas coisitas – só assim com umas coisitas [ABlassim] assim pequenas. E o resto, depois, [ABlpu-] punha o dinheiro [ABlna] na Caixa ou no banco e{fp} ia-se{fp} ganhando algum juro. Mas (em) /e\ depois, se isto, amanhã, abaxam os juros ou qualquer coisa, {pp} que isto (naturalmente) /{PHlnẽ=não} {IPlta=está} muito\...

INQ Não, os juros de certeza que não baixam muitas vezes é que o...

INF Crescem os impostos, não é?

INQ Vão crescendo é o preço das coisas e, muitas vezes, os juros não dão para pagar tudo, não é?

INF Pois. Pois. Pois, pois é. O juro não chega, não dá para pagar tudo, pois é. E a gente ainda tem medo assim. [ABlAinda] Ainda tem que pensar duas vezes, porque o movimento é pequeno, não é?

INQ Pois.

Código de identificação do ficheiro: AAL28-C	
Localidade: Sapeira Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1983
Informante1: Alberto Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: Sapeira e Castelo de Vide lado: B min: 606-652	
Assunto: A agricultura – generalidades	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 28	
Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Jul.00	

INF Mas, agora, {fp} veja bem, um indivíduo a vender batatas a oito mil réis ou a dez, mesmo, para pagar seiscentos mil réis a um homem, {fp} depois, adubos e rendas de terras e essa coisa toda, quanto é que não é preciso! Não é? Quantos quilos de batatas não é preciso, {pp} só disso! E, em depois, é{fp}: a minha vinha {pp} também (o) é uma coisa que não pode ser lavrada com tractores; tem que ser tudo também {fp} só feito à mão do homem.

INQ Pois.

INF Até mesmo para cavar e tudo. Ainda o ano passado foi tudo cavado com uma enxada!

INQ Imagino.

INF [AB|Leva uma (...), leva-se]

INQ Essa, essas moto, essas moto-cultivadoras não dão, aqui? Essas pequeninas?

INF Para aquilo {pp} dão. Já tenho feito aquilo. Mas aquilo só serve [AB|para fazer] para fazer ervas bravas {pp} [AB|porque].

INQ Sim, para cultivo de coisas...

INF Pois, [AB|só] só para espalhar. Por exemplos, aquilo {IP|ta=está} assim: {IP|ta=está} aqui um arneiro de uma erva brava, grama, por exemplo – [AB|aquilo que a gente lhe] é grama, que é das ervas mais bravas [AB|que] que se encontra naquelas terras {pp} cultivadas; é (de) que se embravia mais é com a grama –, aquilo passa num arneiro de grama, aquilo vai a fresa, vai andando, e{fp} espalha logo aquilo tudo. Quando é no fim de dois anos, [AB|aquilo é] {fp} {IP|ta=está} tudo cheio. Em depois, muito mais trabalho dá ainda – não é? – depois aquilo. As mondas químicas, eu parece-me que não concordo muito com elas {pp} [AB| porque não, não concordo muito com] ...

INQ Tanto faz mais às mondas como também deve fazer mal à, à planta.

INF Pois. Pois, [AB|eu não concordo com] eu não concordo com a monda química (...). Pelo menos nas vinhas, só com Ervax é que eu ainda já tenho aí feito. Mas o Ervax [AB|não] não mata todas as

ervas. Mata só aquelas ervas mais (manhosas). Aquelas ervas mais (manhosas) é aquelas que a gente ainda aproveita {CT|pç=para o} gado e que não fazem tanto mal.

INQ Pois.

INF Pois, {fp} havia de matar mas era as bravas. As que mata as bravas mata as parreiras! Ah, já {IP|ta=está} a ver que aquilo também não...{fp} Por causa disso é que eu não concordo muito com isso.

INQ Pois.

INF Que ele enquanto não chega lá a tal enxadinha{fp} a cavar e a escolher aquilo tudo bem e a deitar para trás para (se) secar com o sol, {fp} cá para mim não vai. E isso custa muito dinheiro.

Código de identificação do ficheiro: AAL29-C	
Localidade: Sapeira Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1983
Informante1: Alberto Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: Sapeira e Castelo de Vide lado: B min: 658-688	
Inquiridor2:	
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 29	
Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Jul.00	

INF (Eu) /Ah\, [AB]leu se não fosse] se fosse mais novo, {pp} ainda ia. Se tivesse menos dez anos, em lugar de ter sessenta, se tivesse cinquenta, a coisa até era capaz de ir. Nestes dez anos, eu havia de arranjar dinheiro para ela. Mas, uma pessoa também já tem... Depois, se amanhã começo a ser doente, ainda pior.

INQ Não, e, realmente, depois, tanto o seu genro como a sua filha depois não tenciona vir para estes sítios.

INF Pois, não tenciona vir para cá. Depois, (tem) que arrendar isto a outras pessoas. Isto os arrendamentos, {pp} já se sabe, {pp} que{fp} não há como as coisas {IP|'têdêj=estandem} nas mãos dos donos, {IP|ta=está} a compreender? Porque este arrendamento meu, se {IP|ti'vesi=estivesse} na mão da dona {IP|'tavê=estava} pior, {pp} sem dúvida nenhuma. Porque ela{fp} – e o espelho {IP|ta=está} lá em casa –, porque ela [AB]tem u-] tem uma propriedade mesmo muito grande, que é uma herdade mesmo, e grande. Ela até tem duas herdades, uma até foi ocupada. Tinha tanto que até {PH|loku'parêj=ocuparam} uma. {pp} E{fp} a outra {IP|ta=está} na mão do filho. (E) /Que\ o filho [AB]lé] é lavrador {pp} mas {IP|ta=está} muito longe. [AB]A vi-] Ele, este ano, até que me comprou a vinha a mim, porque ele tem uma vinha {pp} quatro ou cinco vezes maior do que a minha e não teve um cacho para comer, {IP|ta=está} a compreender? Já me encomendou vinho [AB]para] para levar para casa. [AB]Já {IP|ta=está} a ver com-] Já {IP|ta=está} a ver como aquilo {IP|ta=está} tratado.

Código de identificação do ficheiro: AAL30-C	
Localidade: Sapeira Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1983
Informante1: Alberto Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: Sapeira e Castelo de Vide lado: B min: 852-891	
Assunto: A atmosfera e as condições climáticas	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 30	
Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Jul.00	

INQ Agora, se desse umas chuvadas, assim boas...

INF Fazia-me mesmo muita falta, mas mesmo muita falta. É que, este ano, se não chove, {IPItõ=estou} encravado com isto.

INQ Está mal, pois.

INF {IPIta=Está} mal, {IPIta=está}. [ABIEu {IPItõ=estou}] Eu, pelo menos, estou mal. E eu que tenho sempre sementes boas, tenho uma quantidade de semente de batata mas assim uma coisa jeitosa – sempre sementes novas. [ABIEu compro{fp}] As batatas que há na minha terra só são semeadas duas vezes: é no ano que vem e no outro ano, mais nada. Depois acaba-se logo com aquilo.

INQ Há sempre sementes...

INF Sempre, sempre sementes novas. Este ano, já com o medo, é que comprei menos semente nova porque (também) aquilo custa muito dinheiro. (Aquilo custa aí) a trinta mil réis o quilo e, (em) depois, com as que vêm ainda deterioradas e essa coisa toda, vai {CTIpa'i=para aí} quase para quarenta escudos, ou{fp} trinta e cinco ou coisa assim. E, (em) depois, para as ter aí e não ter água {CTIpa=para as} regar, também não vale a pena (estar com)...

INQ Isso prometeu, uma altura, prometeu que vinha. Parecia que vinha assim umas chuvas mas...

INF Pois, parecia. Agora, eu dizia, agora, desta vez que... Mas isso já abalou outra vez. Agora {fp}, foi lua nova ou [ABllu-] lua cheia. Agora, abalou. A lua cheia devia ter sido ontem. Mas agora abalou. Pode ser que à lua nova (que) venha mais, mas dá-se em passar o tempo. É que, em depois, também, [ABlse] se vem muito tarde, também já faz mal a outras coisas.

INQ Já não faz, depois, tão bem. Tem que vir na altura, mais ou menos...

INF Pois. E depois [ABljá {PHlku'mesĩ=começam}] já começa as árvores a rebentar; já {PHlku'mesĩ=começam} vinhas e{fp} essa coisa toda e a coisa; em depois, também já não... Tudo fora do tempo também [ABl não] não é bom. É que à altura de chover, costuma-se a dizer que: "a (inverno) /inverna\ do Natal nunca faltou", mas este ano faltou. Na altura do Natal, por exemplos, [ABlna] no

tempo da azeitona é quando pertence a chover. Porque [ABlo{fp}] a azeitona é uma das coisas que: chove agora, e{fp}, em {IP|tẽdu=estando} bom, [AB|já se] já se trabalha. E: nas terras, não é assim. Se {IP|ti'ver=estiver} agora uma semana a chover, duas semanas {pp} e{fp} coisa, mesmo que alivie, já não é tão depressa que a gente mexe nas terras.

Código de identificação do ficheiro: AAL31-C	
Localidade: Sapeira Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1983
Informante1: Alberto Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: Sapeira e Castelo de Vide lado: B min: 915-944	
Assunto: O terreno, configuração e constituição	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 31	
Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Jul.00	

INF Eu, este ano, até pus a minha vinha no seguro, mas aquilo é muita caro. Aquilo fica mesmo muito caro. Vai-se a ver que, [ABlao] ao fim e ao cabo, em depois, aquilo, também, que se há um azar qualquer, que se (queima), eles só {PHl'pagẽ=pagam} só (por) /para\ {fp} destruição [ABlde{fp}] de trovoadas ou assim dessa coisa ou, então, queimas {pp} com a geada. Mas, em depois, aquilo para pagarem qualquer coisa,

INQ É o cabo dos trabalhos.

INF [AB|aquilo é um] aquilo é um cabo dos trabalhos. [ABlLogo a primeira, a{fp} gente chega ali] Por exemplos, uma vinha é queimada hoje – [ABlcom] numa noite de geada, queima-se a vinha toda, como a minha se queimou há dois anos; foi toda queimada; aquilo ficou completamente destruído, {IPlta=está} a compreender? –, mas [ABlse tiver, se], ao fim de quinze dias, começa a rebentar outra vez. E depois {IPl'fegẽ=chegam} cá [ABlo{fp}] os indivíduos a ver – lá os técnicos –, a ver aquilo, vêem aquilo a rebentar, mas não dizem logo [ABlque] {pp} que aquilo que já nunca mais dá nada. É que as batatas e a vinha que se me queimou há dois anos, ela deitou muita rama ainda, mas o que é que já {PHlnẽ=não} deitou fruto, mesmo as batatas e tudo, {IPlta=está} a compreender? E, depois {PHl'fegẽ=chegam}: "Ah, então o que é que você quer? Então, isto está tudo verdinho", {IPlta=está} tudo assim, {IPlta=está} tudo assado, e tal e coiso. Mas é que o fruto é que abalou, {IPlta=está} a compreender? E portanto, ao fim e ao cabo, mesmo aqueles que há dois anos, {PHl'tijẽ=tinham} as colheitas [ABlna] no seguro, pouco lhe {PHl'dẽrĩ=deram} ou quase nada. Não deu quase {CTlprõ=para o} trabalho de andarem com essa coisa.

Código de identificação do ficheiro: AAL32-C	
Localidade: Sapeira Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1983
Informante1: Alberto Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: Sapeira e Castelo de Vide lado: B min: 958-988	
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 32	
Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Jul.00	

INF [AB]Os adubos {PH|tj]ẽ=tinham}} Era tudo com subsídios. Mesmo o{fp} adubo – [AB]vinha caro} lá{fp} aquelas matérias químicas com que se faz o adubo – vinha tudo mais caro do estrangeiro, e o governo punha aquele dinheiro; vendia mais barato. Agora não. Estes indivíduos, agora, ainda lá [AB]da} da coisa, {pp} parece que ainda {PH|fo]rĩ=foram} até piores, eu sei lá {fp}.

INQ Pois, já não há, não há subsídios para essas coisas. É o preço real da...

INF Não há subsídios para coisa nenhuma. {pp} É cada um a puxar para seu lado. Uns (fazer) /fazendo\ barulho dum lado, e outros do outro. No fim, está tudo aqui e a coisa não se (vê)... Só o que se vê é barulho e dizer mal uns dos outros, mas não se vê nada feito. Cada vez vê-se {pp} menos coisas.

INQ Pois, os agricultores, também, é que sofrem, não é?

INF Pois, os agricultores é que sofrem e o povo até sofre, também. O consumidor até sofre com...

INQ Claro, isso todos sofrem. É muito chato. E em relação à Casa do Povo, portanto, já, já há aqui, não há, Casa do Povo?

INF Casa do Povo, há.

INQ Já há subsídios também para, para as pessoas?

INF [AB]Eu} Mas é uma coisa pequena.

INQ Pois, acho que não dá para nada.

INF Pois. Então, a minha sogra ganha – e é agora, [AB]do} agora do Natal para cá –, ganha{fp} – ganhava dois contos e oitocentos – agora, ganha três contos e trezentos, parece – trezentos. {pp} E [AB]eu (até) {IP]to=estou} a trabalhar] eu {IP]to=estou} a pagar para a Caixa dos Independentes.

{IP]to=Estou} a pagar [AB]dois con-] um conto novecentos e cinquenta escudos por mês. Vamos lá ver. Mas isto {IP]ta=está} tão mal; (há) tão poucachinho tempo que isto começou. Vamos lá ver quanto é que é que em depois me...

INQ Depois não sabe, depois não sabe quanto é que dá.

INF Não sei quanto é a minha reforma. Não sei.

Código de identificação do ficheiro: AAL33-C	
Localidade: Sapeira Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1983
Informante1: Alberto Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Alfreida Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: Sapeira e Castelo de Vide lado: B min: 1006-1047	
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 33	
Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Jul.00	

INF1 De forma que {pp} eu (fui) /foi\ mais por causa disso e por causa da Caixa. [ABI Porque, porque eu tive, lá na vila, também] {fp} Eu já tive uma mercearia, lá na vila, já aí há uns anos, porque era até do meu irmão e, depois, fui obrigado até a ficar com ela {pp} por causa de vários motivos [ABle {fp}]. Mas aquilo durou pouco tempo. E como descontei para aquela Caixa, também, {fp} para a Caixa dos Comerciantes [ABle po-]... E tirei então a licença por causa de não perder aqueles quatro anos [ABlque] que {IPl'tivi=estive} coiso. Que eu até lá não estive! Eu {IPl'tivi=estive} sempre aqui! Mas a minha mulher é que é que {IPl'tavæ=estava} lá como empregada – lá em cima, {pp} lá naquilo. Aquilo foi o meu irmão...

INQ Pois, pois. Pois. Não, essas coisas dão jeito, se for preciso.

INF1 Essas, essas coisas assim. Aquilo, depois, aquilo foi para ver se safava lá a vida ao meu irmão, porque ele andava assim também um bocado mal e, depois, {pp} também havia aí uns {PHltu}'tôzi}=tostões} também lá e essa coisa toda.

INF2 Ai, a vida! {fp} Para as luzes (...) e gás (...)!

INF1 São coisas {pp} já diferentes disto. De forma que em depois para não perder coiso, fiz aquilo assim. Eles mesmo, lá na Caixa, é que é que foi que me {PHlësi'narẽ=ensinaram} {pp} aquela coisa; portanto, {IPlto=estou} a descontar {CTlpa3=para as} duas. Agora a reforma da Casa do Povo também nunca pode ser muito grande porque ele não se desconta muito – poucachinho dinheiro.

INQ Pois, é a partir dos sessenta e cinco, não é, que se tem direito, ou aos sessenta, na Casa do Povo?

INF1 {fp} Como?

INQ Para se receber, a partir da Casa do Povo, é a partir dos sessenta ou dos sessenta e cinco?

INF1 É dos sessenta e cinco anos. E a Caixa é a mesma coisa.

INQ Ai também?

INF1 [AB|A Caixa] É (então) a partir dos sessenta e cinco anos. O que é certo é que o que se desconta {CTlpa=para a} Casa do Povo é muito poucachinho. Nunca se pode ter uma reforma em condições

porque{fp} – sim, nunca se pode ter assim [ABluma] uma reforma muito elevada –, porque descontou-se pouco. [ABITambém não sei porque é que para qua-] Qualquer pessoa, mesmo cá no campo, podia também descontar um conto de réis por mês ou coisa assim parecida. Assim, desconta cento e sessenta mil réis. Ora, [ABlcento e sessen-] cento e sessenta mil réis, [ABlo que é que{fp}] o que é que em depois hão-de poder pagar, não é verdade? A coisa também (não) {IP|ta=está} (assim)... Agora a outra, já com um conto novecentos e cinquenta,

INQ Já é capaz de dar qualquer coisa.

INF1 é capaz de já dar qualquer coisa.

Código de identificação do ficheiro: AAL34-C	
Localidade: Sapeira Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1983
Informante1: Alberto Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: Sapeira e Castelo de Vide lado: B min: 1066-1081	
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 34	
Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Jul.00	

INF {fp} Há dois anos, veio um{fp} indivíduo carregar {pp} cebolas {pp} que eu vendi.

[ABl{PHlnẽ=Não}] {PHlnẽ=Não} o {PHlro'barẽ=roubaram} mesmo {pp} a cavalo na {RClca-
=camioneta}? Sim, na camioneta! {PHlmẽ'darẽ=Mandaram} parar uma camioneta – mesmo lá no auto-
estrada, para lá de Vila Franca, [ABljá lá na] já lá na coisa, já quase chegando ao aeroporto – (onde) ele
foi ali roubado. {PHlmẽ'dareĩ=Mandaram-lhe} arrumar a camioneta ali ao lado. {pp} [ABlQue]
{PHlmẽ'darẽnu=Mandaram-no} parar; e tudo a passar, cada um para um lado, para o outro, e (vêm)
ali os indivíduos a coiso, a roubarem o homem. {PHlro'barĩ=Roubaram} tudo quanto tinha.
{PHlro'barĩ=Roubaram(-{PHlli-lhe})} tudo quanto lá tinha.

INQ Imagine.

INF Não {PHlli'varĩ=levaram} a carga da camioneta, nem a camioneta, mas dinheiro, relógio; tudo,
tudo quanto tinha, levou tudo. {PHlli'varĩ=Levaram} tudo.

INQ Parece que nas cidades e nos sítios grandes é mais fácil agora.

INF {IPta=Está} a ver? Ali num sítio daqueles! Parece impossível, [ABlmas com-] mas ele aquilo lá
foi feito {fp} e ninguém deu por isso.

Código de identificação do ficheiro: AAL35-C	
Localidade: Castelo de Vide Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1983
Informante1: Albino Idade: 56	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Cassete nº: Sapeira e Castelo de Vide lado: B min: 1291-1346	Inquiridor2:
Assunto: O carpinteiro	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 35	Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Jul.00

INF Bem, e depois, {pp} meu pai faleceu, tinha eu treze anos. [ABIE{fp}] E então, daí, {fp} deu-se o caso {fp}, é claro, arrumei-me então à arte. Digo assim: "Bem, isto já não dá nada o campo, também". Arrumei-me à arte. Trabalhava, então, ali numa quinta do prado, ali em baixo. Trabalhei ali, à roda dos vinte anos, lá. Fazia um biscatito assim nos domingos, cá em casa, mas {IPlo=o} mais trabalhava ali, assim de jorna. E depois então acabei por pôr loja por minha conta, até à data de hoje. Faço {fp} cinquenta e sete {pp} no dia quatorze de Junho. Portanto, enfim, cá estamos. E isto {fp} já se sabe. E então {fp}, é claro, isto aqui [ABlé cla-] apanha um meio muito grande – (ainda é o que vale) –, porque só o concelho {pp} não me governava. Apanha então o concelho de Marvão, aqui o concelho de Portalegre e {fp} vêm nas camionetas, [ABlno-] nos tractores e trazem o serviço aqui. E então {fp} aqui vou fazendo {pp} aquilo que posso. O que não posso, é claro, {fp} digo logo que não posso; mas, enfim, cá se vai a gente andando. [ABIE{fp}] E, enfim, é claro, os meus pais, coitados... É claro, naquela altura, no melhor, o meu pai faltou-me. E depois, nós {PHI'irimuſ=éramos } quatro irmãos {pp} e {fp} ficámos só com minha mãe. E eu, como sendo o mais velho, [ABlé q-] é que fui sempre o mais escravo. Mas, {fp} enfim, até à data de hoje não estou repeso. Tenho trabalhado muito; mas {fp} a gente, em tendo saúde, o trabalho não mata ninguém. Até ainda a gente anda melhor, não é? E é assim. O mais, pronto, {fp} é claro! Agora {fp}, {fp} a questão [ABlde{fp}], assim, de {fp}] {pp} disto das carroças tem um problema, por exemplo, [ABla gente] disto das ferragens... Eu tenho é agora [ABluma] umas rodas novas para fazer e as ferragens não há maneira de virem. {IPlto=Estou} farto de apitar o mesmo que me fornecia para cá. Pois, às vezes, podia ser {fp} a falta de dinheiro, ou coisa, ou tal. Não senhora! Quer dizer, é aquela {fp} maneira dos tipos [ABl{PHlnũ=não}, {PHlnũ=não} se] {PHlnũ=não} se torcem. Quer-se dizer, em não sendo coisas assim de grandes quantidades, coisas pequenas não {PHl'ligẽj=ligam}. E em depois, pronto. Eu acabei. Não tinha {fp} aparelho de soldar. Não o tenho aqui porque a casita é muito pequenina. Tenho ali [ABlno] no meu rés-do-chão, {pp} e uma máquina [ABlonde {IPltẽw̃=estão}], uma maquetazita onde... Por exemplo, isto agora, {pp} vou

fazer umas portas – agora afracou aí um bocado o serviço (e {fp} eu{fp}) tomei esse compromisso –, umas portas aqui para um vizinho. E então, agora, é o que vou fazer. Umas portas em castanho [ABle{fp}] e assim se vai levando. Mas, quer dizer, na tal maquinazita, dá-me para aparelhar isto. Agora corto isto nos comprimentos e vou lá; aparelho; e, depois, aqui, é já só armá-lo. E então, é assim. Mas não tenho aqui. Não tenho aqui porque isto {fp} a casita é muito pequenina e, além disso, não é minha, porque{fp} a dona [ABlnão] não tem lucro nenhum {pp} em ter isto{fp}... Ela já havia de ter vendido isto [ABlhá mui-] há muito tempo. Agora é que pôs aí os escritos {pp} mas{fp} nem sei quanto elas pedem por isto. Aquilo não hão-de pedir pouco. [ABIE eu estou] {pp} Dentro da razão, quero eu ficar com ela. Mas se a casita fosse maior, eu, é claro, tinha aquelas maquinetas, tinha-as aqui e, enfim, aquilo, tinha tudo mais a jeito. Assim, tenho ali no meu rés-do-chão, enfim, para me safar. E então assim é que é a vida.

Código de identificação do ficheiro: AAL36-C	
Localidade: Castelo de Vide Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1983
Informante1: Albino Idade: 56	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: Sapeira e Castelo de Vide lado: B min: 1365-1381	
Assunto: As alfaias agrícolas	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 36	
Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Jul.00	

INF A carroça é uma coisa e o carro é outra. [AB|O carro]

INQ *Pois, como é, como é que é a diferença entre uma e outra?*

INF A diferença é o seguinte: {fp} quer-se dizer, a carroça {pp} tem {pp} dois varais, que é {CT|po=para o} bicho {fp} entrar [AB|no, no] no meio dos varais; e o outro, quer dizer, [AB|tem] tem uma vara, {pp} quer dizer...

INQ *Uma vara ao meio.*

INF Uma vara ao meio, que é {CT|pro=para o} bicho, um de cada lado. Pois.

INQ *E é para muares na mesma, o carro, ou é para bois?*

INF Não. O carro de vacas. Carro [AB|para va-] para gado vacum, para vacas, exactamente. Aqui {fp}, costuma-se a dizer {fp} o {fp} carro para bois. Mas não. É para vacas.

INQ *Pois.*

INF porque, é claro, {fp} as vacas, é claro, dão as crias e, então o pessoal, quer-se dizer, tem mais vantagem nisso.

INQ *Pois.*

INF [AB|E {fp}] E enfim. Mas isso, pouco. Há aí {fp} – que estão aí muito aqui em volta – uns três ou quatro carros desses. Enfim, os homens lá vão ainda, porque não têm tractores. E então hoje a coisa, estarem a pagar, eles tendem as coisas em casa, fazem a toda a hora, quando querem. Vão fazendo o serviço com um macho, com mais pausa.

INQ *Pois.*

INF E não estão a pagar aos outros.

Código de identificação do ficheiro: AAL37-C	
Localidade: Castelo de Vide Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1983
Informante1: Albino Idade: 56	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: Sapeira e Castelo de Vide lado: B min: 1407-1417	
Assunto: As alfaias agrícolas	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 37	
Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Jul.00	

INQ Fica tudo em pau?

INF Tudo, tudo em madeira.

INQ Tudo em, tudo em madeira?

INF Tudo em madeira.

INQ Menos isto, aqui assim, que é ferragem.

INF [AB|Só, só aqui] Só aqui esta roda {pp} é que tem o arco em ferro {pp} e a roda.

INQ Como, como é um bocado parecido com a charrua.

INF Exactamente. Isso mesmo. [AB|Isso] Isso faz-se aí muito até. Isso ainda se faz aí muito. Sim senhor.

INQ Pois.

INF Porque {fp} aquilo, é claro, as pessoas têm vantagem. Aquilo tem assim o animal... Tem vantagem por isto: quer dizer, [AB|para] para fazer assim um rego, uma coisa, a charrua não é tão prático [AB|como, como] como aquilo. E então, quer dizer, para limpar assim um rego ou emarjar assim terra [AB|para] {pp} para géneros, assim para feijão, para essas coisas assim, para milho, e então isto, dizem eles que dá resultado.

Código de identificação do ficheiro: AAL38-C	
Localidade: Castelo de Vide Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1983
Informante1: Albino Idade: 56	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: Sapeira e Castelo de Vide lado: B min: 1509-1520	
Assunto: As alfaias agrícolas	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 38	
Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Jul.00	

INF Agora, é claro{fp}, tem que se andar sempre ao mais económico, porque, enfim, as pessoas, coitados, [ABlnão, não] não dá a conta. [ABIE, enfim, bem, isso]

INQ Claro. Olhe, então, outra coisa.

INF Diga, (minha senhora).

INQ O arado, depois, vai prender aonde? O temão do arado vai prender aonde?

INF Vai prender à canga. [ABlÀ canga é que, por exemplo, {pp} é que]

INQ Que é o senhor também que faz, as cangas?

INF Exactamente. Se, por acaso, é de vacas, {fp} a canga é assim, minha senhora. Olhe, a canga é assim, se é de vacas, {pp} ou seja, de bois. Hum? Leva aqui o argolão, aqui ao meio. [ABIE, então]

INQ O argolão é de quê? De ferro?

INF [ABlO argolão] O argolão é de ferro. [ABlIsto] Isto é tudo em madeira. E{fp} então leva um argolão... Um argolão, {PHlsu'poɾɐmu}=suponhamos} [ABlque é{fp}] que é isto.

Código de identificação do ficheiro: AAL39-C	
Localidade: Castelo de Vide Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1983
Informante1: Albino Idade: 56	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: Castelo de Vide (prosp.) lado: A min: 181-219	
Assunto: As alfaias agrícolas	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 39	
Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Jul.00	

INQ O tendal, portanto, os tendais, à frente e atrás, não tinham uma, uma peça qualquer que fazia força?

INF Ah! Então, isso é a ponte. [ABIÉ] É a ponte.

INQ A ponte.

INF Chama-se uma ponte, {fp} [ABluma] uma ponte. {fp} Lá em cima, (tenho) /tem\. {fp}

[ABI|Tenho] Quer dizer, é uma ponte... É uma peça de madeira {pp} com uma pequena (queda).

[ABIE, em depois] Mas o carro, praticamente, não tinha. A carroça, sim. O carro não tinha isso.

Porque {fp}, é claro, [ABlaquilo {fp} dá origem] o carro {fp} para carregar lenha e tudo e aquilo, às duas por três, dava origem {pp} partir. Bem, aqui, havia – onde eu trabalhei muito ano, ali, uns vinte anos ou vinte e dois, (ou) o que (foi) /for\ – e {fp} todos os carros que eu ali fazia, tudo levava essa ponte. Mas esses carros {PHlækær¹tavẽ=acartavam} assim muito era {fp} assim mais à base de sacaria. E então (quer-se) dizer {fp}, {PHlu¹zavĩ=usavam} então a ponte, aquela ponte.

INQ Pois, pois.

INF E então, é claro, um carro ou carroça sem ponte {PHlnø=não} sei o que parece. Descompõe.

INQ Pois, pois.

INF Pois. [ABIE a-] Até, por acaso, abalou, ontem daí um serviço. E queria ele que {PHlle=lhe eu} fizesse [ABluma] uma ponte em ferro. E eu digo assim: "Eh pá, então a carroça {pp} é quase tudo novo; então e vai agora a carroça em ferro ou a ponte em ferro? [ABI|ss-] Isso não fica bem". E fiz- {PHll=lhe} em madeira. E {fp} o homem: "Ai, olhe que realmente é bonito, e tal". Digo assim: "Pronto, (então) /homem\, pois eu [ABlnã-] não dizia"? E compõe muito mais,

INQ Pois.

INF porque, é claro, uma coisa puxa a outra. Porque {pp} ou há-de ser ferro ou há-de ser madeira.

INQ Claro.

INF Pois. E assim é que é.

Código de identificação do ficheiro: AAL40-C	
Localidade: Castelo de Vide Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1983
Informante1: Albino Idade: 56	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Cassete nº: Castelo de Vide (prosp.) lado: A min: 223-234	
Assunto: As alfaias agrícolas	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 40	Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Jul.00

INF Por exemplos, [ABlestá] {IP'ta=está} o limão. O limão é{fp}, {PH|su'poɲemuz=suponhamos}, esta peça. Isto é o limão. Isto {pp} é a taleira. E isto são as travessas. Leva quatro travessas. [AB|O] O limão fica aí{fp} com um metro e {fp}... Sendo carro, fica com dois metros e vinte. E sendo carroça, fica com um metro e sessenta. É uma diferença muito grande.

Código de identificação do ficheiro: AAL41-C	
Localidade: Castelo de Vide Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1983
Informante1: Albino Idade: 56	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: Castelo de Vide (prosp.) lado: A min: 288-332	
Assunto: As alfaias agrícolas	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 41	
Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Jul.00	

INF (E) isto é o contra-limão, o contra-limão, que é isto – {pp} leva aqui uns parafusos – que vem prender ao limão. Que o limão é isto tudo, não é verdade?

INQ Pois, pois, pois.

INF Pois. Vem prender ao limão. E então, quer dizer, aqui, já se sabe, isto é o contra-limão, que isso não há carro nenhum que não possa [AB|le-]... Tem que levar aquilo.

INQ Tem que ter.

INF Pois. [AB|E a carroça]

INQ Mas não há uns carros que são, que é, que isto é uma peça inteira?

INF {fp} Bem, isso era a carreta, minha senhora.

INQ Para aqui nunca fazia? Ah, a carreta é que...

INF [AB|A carreta é q-] A carreta é que esse limão, esse limão é inteiriço.

INQ Ah.

INF [AB|Esse limão] Por exemplo, a carreta até, por acaso, é assim uma coisa que está mesmo bem (...). {pp} Isto {pp} é o limão da carreta.

INQ Ah. Portanto, na carreta só há, só havia limão.

INF Exactamente. Só um limão. Leva aqui a taleira à mesma. Leva as travessas, mas, quer dizer, isto é muito diferente. [AB|lsto] Isto (são toros), (uns) madeiros muito valentes que leva, umas peças valentes.

INQ Pois.

INF Porque, é claro, {fp} é (o) eucalipto ou o carvalho, {fp} bem, [AB|de{fp}] qualidades de madeiras diferentes, não é? [AB|E, então, pode ser, à mesma, quer dizer] E a carreta então, quer dizer, é diferente {fp} o leito da carreta. Portanto, o carro é muito mais largo {pp} do que a carreta. Porque a carreta, [AB|a] a roda trabalha aqui, assim. O eixo anda aqui à face. E o carro, {pp} sendo assim, o limão é largo. Isto é o contra-limão. [AB|es-, este] Esta base toda sai para fora. Ajuda a alargar {pp} o carro.

INQ Ah.

INF Portanto, as carretas {PH|'erĩ=eram} mais estreitas.

INQ Mais estreitinhas.

INF Era uma coisa... Porque é claro, uma coisa ao antigo, pois. E então{fp} tem essa coisa, quer dizer, diferente [AB]do, do que ser de] do que sendo{fp} o carro {pp} {CT|pa=para a} carreta. Faz [AB]essa] essa diferença.

INQ Pois.

Código de identificação do ficheiro: AAL42-C	
Localidade: Castelo de Vide Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1983
Informante1: Albino Idade: 56	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Cassete nº: Castelo de Vide (prosp.) lado: A min: 393-418	
Assunto: As alfaias agrícolas	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 42	
Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Jul.00	

INF {fp} O próprio eixo {pp} das carretas essas antigas... Que eu lembro-me disso, ainda. Mal é, mas ainda me lembro. Ainda vi algumas três ou quatro carretas dessas aí a trabalhar. E então o eixo, por exemplo; era isto, {PH|su'poɲɐmu|=suponhamos} que era isto, o eixo. {fp} E então isto aqui é [ABlo] o batente. O eixo vinha assim. Vinha assim. Vinha assim (aspirado à) ponta. Tudo em madeira. E então, quer dizer, era assim uma parte [AB|agu-] aguda, mas aquilo era um madeiro {fp} enorme. E então, quer dizer, isto metia na roda. [AB|e] E assim é que é, mas aquilo era um chiadeiro enorme. Quer dizer, era assim (aspirado) que era por causa de ter aqui grossura para se aguentar. Mas em depois, aquilo era{fp}, é claro, [AB|era] era preciso andar-{PH|li=lhe} sempre a deitar toucinho. E{fp} até [AB|os{fp}] os homenzitos {PH|trɐbɐ'lavẽ=trabalhavam} com os carros {pp} e diziam: "{fp} O amaldiçoado carro come mais {fp} toucinho do que eu"! E então os gajos, volta e meia, não se queria saber do chiadeiro: "Deixa chiar para aí, que o raio que partem o carro"! E assim é que era.

Código de identificação do ficheiro: AAL43-C	
Localidade: Castelo de Vide Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1983
Informante1: Albino Idade: 56	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: Castelo de Vide (prosp.) lado: A min: 502-516	
Assunto: As alfaias agrícolas	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 43	
Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Jul.00	

INQ Portanto, com esse copo... Isso é mais antigo do que o, a...?

INF {fp} Não, o copo é mais{fp}... Bem, mais antigo, ele isto... Sabe a vantagem que há, a diferença que há? Porque todo este que é torneado, {pp} minha senhora, que é torneado ao torno, {pp} os gajos {PH|v'plikẽ=aplicam} o copo. {pp} E todo esse que é feito à mão, {pp} quer dizer, já [AB|não] não {PH|v'plikẽ=aplicam} o copo.

INQ Não aplicam o copo. Já aplicavam outra...

INF Não, quer dizer, porque {pp} tem que ser a coisa mais prática, não é?

INQ Claro.

INF E então fazem um furo {pp} aqui no eixo. E então aquilo, então, fazem aquela chaveta que é para a segurança [AB|da, da] da bucha.

Código de identificação do ficheiro: AAL44-C	
Localidade: Castelo de Vide Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1983
Informante1: Albino Idade: 56	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: Castelo de Vide (prosp.) lado: A min: 988-1023	
Assunto: As alfaias agrícolas	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 44	
Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Jul.00	

INF A gente, às vezes, está aí a ferrar [ABlo] as rodas, ou porque o dia não se presta, ou porque a lenha é ruim, ou porque o ferro não aquece aquilo que faz falta, vai duas e três vezes ao lume. Aquilo é um problema. Farta-se a gente aí de fazer força, mas enfim. Agora [ABljá] já a gente{fp} vai levando assim a coisa {pp} [ABljá com mais{fp}] {pp} assim com aquela calma. Não está assim com tanta pressa. E então já dá mais tempo [ABla{fp}] a que elas {PHI}^tēzẽj=estejam} ali no lume, {pp} para virem bem vermelhas, {pp} bem quentes, que é por causa de enfim... [AB|Porque]

INQ Mas o senhor tem que sempre fazer isso acompanhado com alguém, não é?

INF {fp} Sempre. Pelo menos duas, três pessoas. Três pessoas.

INQ Pois, para uns irem rodar.

INF Quando são assim rodas novas, (tem) /têm\ que ser três pessoas. Agora, por exemplo, como esta, [ABlsó{fp}] só duas pessoas {PHI}^jegẽj=chegam}. Por exemplo, já está aqui o ferro, já está a [ABlo-] obedecer já à madeira, não é? E, então,

INQ Pois.

INF quer dizer... Até por acaso esta, eu [ABlque] o que hei-de fazer [ABlé{fp}] é tirar a (.../N), que é porque{fp} a copa {pp} voltou ao contrário. Porque esta copa, [ABlque tem] o que tem para trás tem que vir para a frente. Tenho que a meter numa prensa que ali tenho, que{fp} aquilo até também é (importante). Está ali{fp} {pp} entalada, mas até, se fosse preciso, tirava-se. [AB|Leva uma] É uma roda de ferro {pp} que assenta em cima [ABld-] da burra. Em depois, vai esta roda para cima da roda de ferro. E vai em depois o fuso aquele. {pp} Apanha aqui a burra. Depois aperta-lhe o fuso valente. E então a gaja {pp} [ABltem] tem que vir. Tira-se então aqui {pp} um bocado, aqui na circunferência da madeira, {pp} que, é claro, ela, como vem para a frente, é claro... E depois {pp} fecha, que é por causa deste bocado aqui, {pp} que é [ABl{CT}pra=para a}] {CT}lpa=para a} roda tomar copa {pp} para fora. Porque se {PHInu=não} tirar este bocado, {pp} quer dizer, se eu fosse a ferrar que não {PHIli=lhe} tirasse este bocado, [ABlinda era] ainda ficava pior {CT}lko=que o} que está.

Código de identificação do ficheiro: AAL45-C	
Localidade: Castelo de Vide Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1983
Informante1: Albino Idade: 56	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Cassete nº: Castelo de Vide (prosp.) lado: A min: 1163-1172	
Assunto: O carpinteiro	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 45	
Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Jul.00	

INF {PHI|'segẽ=Chegam} aí, coitados, [AB|à] à rasca. Pronto, a pessoa sempre os desenrasca. [AB|Às vezes, com] Olhe, até, por acaso, {IP|tiv=estive} a acabar um serviço que é a carroça do Aleixo, que abalou há bocado – havia de ser aí umas dez horas. [AB|e{fp}] E digo assim: "Então o tipo, daqui (a) nada, vem ver do serrote e não está"... Lá fui então a ver [AB|se], por causa dele, {pp} (de) lhe ser agradável. (Mas), é claro... Até porque é interessante: {fp} o homem nem tem carroça, nem coisa nenhuma; ele nem é cá freguês. Mas só para {PH|li=lhe} ser agradável... Enfim, a gente costuma-se a dizer: "do bem vem tudo".

Código de identificação do ficheiro: AAL46-C	
Localidade: Castelo de Vide Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1983
Informante1: Albino Idade: 56	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Cassete nº: Castelo de Vide (prosp.) lado: A min: 1324-1343	Inquiridor2:
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 46	Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Jul.00

INF Passa-se-me cada uma também interessante. {fp} Chega-me aí um senhor {pp} a rogar-me parafusos e fusos de carroça. Digo: "Olha, (então) isso está já agora por aí acabado. Como é que é"? Mas o senhor era tão delicado! Que era [AB]da] da Ponte de Sôr. E o homem diz assim: "{fp} Oh diacho, então venho cá acima [AB]le nu-] e o senhor não me fica com coisa nenhuma"? e tal. (Digo-lhe) /Digo\: "Ouça lá, então o senhor mande-me lá vir [AB]luma, uma] uma caixa [AB]de] de fusos", e tal. E diz o homem assim: "Sim senhora, isso é já". Bem, é já, mas aquilo veio mais depressa {CT}kç=que o} que eu julgava. Manda-me aquilo pelo Caminho de Ferro. [AB]Eu] Uma caixa tão pequena! Mas nunca calculei que o homem que... E ainda fui ali algumas duas vezes à Central procurar [AB]por a, por] {CT}pæ=por a} encomenda – [AB]por a, por a, por a] por a encomenda dos fusos. Afinal, dá-se o caso... E {fp} dizia-me assim [AB]lo{fp}] o homem da Central: "Não, não há lá nada, amigo Albino, não há lá nada". [AB]Nãohá] (Ele) não há lá nada, mas havia! Paguei cento e setenta escudos [AB]de] de estar lá uma coisa tão pequena, uma caixinha assim, de estar lá só, parece-me, cinco ou seis dias. Digo assim: "Olha{fp} já (me abala). Jurei de nunca mais"! [AB]Com um ca-] Têm custado a gastar. Eu vou-os gastando assim, agora...

Código de identificação do ficheiro: AAL47-C	
Localidade: Castelo de Vide Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1983
Informante1: Albino Idade: 56	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Hilarião Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: Castelo de Vide (prosp.) lado: B min: 82-96	Inquiridor2:
Assunto: O carpinteiro	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 47	Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Jul.00

INF1 Isto é que {CTlle=lhe eu} chamo a aparta [ABle{fp}] e isto é já (a) fita. Isto é a fita, por exemplo, que sai [ABlda] da garlopa, ou seja, do rebote. Portanto, cá está {pp} a fita. Isto [AB]já se não] já se não pode chamar aparta. {pp} Porque isto não é aparta; isto é fita.

INQ Pois. Pois, pois. Claro.

INF1 Pois, exactamente. {pp} (Porque) é claro... Eu encontro assim, {PHln= não} sei. Além de falar um bocado (à) alentejano, mas, é claro, encontro cá (a) /à\ maneira assim.

INF2 Eu também acho. (...)

Código de identificação do ficheiro: AAL48-C	
Localidade: Castelo de Vide Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1983
Informante1: Albino Idade: 56	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: Castelo de Vide (prosp.) lado: B min: 133-165	
Inquiridor2:	
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 48	
Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Jul.00	

INQ E o que é o caruncho?

INF Ai, o caruncho é {fp} a madeira que apanha humidade, minha senhora. Quer-se dizer, (eu), por exemplo, lá tenho umas tábuas, {pp} que é para fazer um (rebote) /reboque\, e aquelas tábuas, quer dizer, estão assim em cima umas das outras. Não estão bem secas. E então, estão assim {pp} em cima umas das outras, mas elas não {PHIdi'vũ=deviam} de estar assim. Havia de estar, por exemplo, um sarrafo aqui, outro aqui assim, [ABle ir] e ir colocando, {pp} fazendo este trabalho para entrar o ar, {pp}

INQ Ah, Ah! Pois.

INF para não criar o caruncho. [ABI Porque se a] {pp} A madeira assim toma aquela humidade, e aquele caruncho nunca mais sai. Fica a madeira estragada.

INQ Pois.

INF Quer dizer, fica {pp} carunchosa, uma coisa assim... E (arde). Tira a resistência à madeira. Tira, exactamente, tira. Porque [ABlo] o ar é que é que seca a madeira. O ar {pp} é que é que seca a madeira. E então é assim.

Código de identificação do ficheiro: AAL49-C	
Localidade: Castelo de Vide Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1983
Informante1: Albino Idade: 56	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: Castelo de Vide (prosp.) lado: B min: 424-450	
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 49	
Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Jul.00	

INF Exactamente.

INQ Olhe, e como é que se chama aquele sítio onde se, onde se põe os pés na escada?

INF Ai, aquilo {pp} são os degraus, minha senhora.

INQ Chamam-se sempre degraus?

INF Degraus, sim senhora.

INQ Nunca ouviu chamar outra coisa, aqui nesta zona?

INF [AB|Quer dizer] Não. [AB|É os, o d-] É o degrau, é o degrau da escada. Está [AB|o] o degrau redondo que é essa escada {fp} [AB|que] de se colher azeitonas... Não é verdade?

INQ Pois, também é degrau?

INF [AB|E está es-] E está esta escada assim... (Quer-se) /Quer\ dizer, tem o degrau, quer dizer {fp}, [AB|o, o] o degrau largo já. Não é? Há até ainda mais largo do que isto. Isto {PH|'fizje=fi-la} eu – porque {fp} [AB|a es-] a escada que estava aí {pp} era de pinho –, isto, duns {pp} bocados de castanho, {pp} dessas madeiras velhas que, às vezes, trazem (aí) para ir queimar. E {fp} fiz então esta escada em castanho. Pronto, já {IP|ne=não } (voltou) o bicho. Isto, {pp} deu-{PH|li=lhe} aqui estes buracos, [AB|são] isto foi a madeira que esteve com a casca. {pp} Mas {pp} daí já não passa.

INQ Claro.

INF Já nunca dá; o castanho nunca dá mais o bicho.

Código de identificação do ficheiro: AAL50-C	
Localidade: Castelo de Vide Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1983
Informante1: Albino Idade: 56	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Hilarião Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: Castelo de Vide (prosp.) lado: B min: 509-540	
Inquiridor2: Gabriela Vitorino	
Assunto: As alfaias agrícolas	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 50	
Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Jul.00	

INQ1 E antigamente, para acartar pedra, não havia umas coisas que se arrastavam pelo chão?

INF1 Ah, isso são os arrastões. [AB]Isso é] Isso é assim. [AB]Isso é à maneira dum] Isso é um arrastão. É um arrastão... Quer dizer, é assim neste processo. Olhe. {pp} Compreende? {fp}
{PH}su'poɲɐmuz=Suponhamos} isto.

INQ1 Pois.

INF1 Hum? E então, isto tem aqui assim uma argola. Ou seja, com uns arames {PH}fɛ'ziẽ=faziam} aqui um furo. E então, {PH}'poɲẽ=punham} aqui as pedras.

INF2 E {PH}ɐɾɐ'f'avẽj=arrastavam}. É verdade.

INF1 E então, {PH}'poɲẽj=punham} ali uma junta. E então, aquilo levava (ali) aqueles {pp} coisos; os paus é que [AB]lia ia arrastando aquilo. {PH}'ʃɐmẽs=Chamam-se} arrastões aquilo, {pp} que é uma coisa de arrastar...

INQ2 Pois.

INQ1 Nunca se chama zorra, por aqui?

INF1 Não, não. Eu cá no meu ver... [AB]Está] Está uma outra coisa, mais tarde, que em depois deu em haver, uma zorra {pp} com {PH}ɐ=as} rodas muita baixinhas

INQ2 É.

INF1 para carregar aquelas grandes pedras, com as rodas assim... Olhe, ainda não há muito tempo que arranjei uma, {pp} uma zorra, {pp} ali [AB]{CT}prɔ=para o}] {CT}pa=para a} Aline, é verdade, {pp} com as rodas muito baixinhas. Digo: "És zorra e bem zorra". Então, pois! Ah, ah! Deu-me um trabalho aí a forrar {PH}ɐ=as} boas das rodas. Digo assim: "Eh pá, vocês (com a falta)... Muita zorra {CT}'pali=para ali} há, ainda"!

Código de identificação do ficheiro: AAL51-C	
Localidade: Castelo de Vide Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1983
Informante1: Albino Idade: 56	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Hilarião Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Cassete nº: Castelo de Vide (prosp.) lado: B min: 663-669	Inquiridor2:
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 51	Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Jul.00

INF1 Como aqui nesta área{fp}... [AB|só está] Só está (aí) um {pp} em Alpalhão. E{fp} pronto, é o mais próximo, o mais, pronto. Em falandem no Albino carpinteiro das carroças, pronto, deixa que {pp} toda a gente [AB|vai] {fp} vai {pp} ter com ele. É assim.

INF2 Não há outro, se calhar.

Código de identificação do ficheiro: AAL52-C	
Localidade: Castelo de Vide Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1974
Informante1: Alceu Idade: 78	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALE Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: Castelo de Vide A1 lado: A min: 140-155	Inquiridor2:
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 52	Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Jul.00

INF E ele {pp} é que foi (a) origem [AB]de, d-] de arranjarem aqui [AB]esta, esta] esta vila. Isto é uma vila.

INQ Pois.

INF E então, {PH}põz'lel=pôs-lhe ele}, um dia que esteve cá, e quando{fp}... Ele,

{PH}me'tare=mataram}-no [AB]quando] quando daqui abalou. Em Portalegre é que o

{PH}me'tarẽ=mataram}. Este. Esta estátua [AB]que] que ali está. E pôs a isto Castelo de Vide.

Código de identificação do ficheiro: AAL53-C	
Localidade: Castelo de Vide Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1974
Informante1: Alceu Idade: 78	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALE Inquiridor1: Cassete nº: Castelo de Vide A1 lado: A min: 403-440	Inquiridor2:
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 53	Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Jul.00

INF E{fp} diz assim [ABlo] {pp} então, o tal poeta: "Oíça cá, como é que é a sua graça"? – a sua graça, como era o seu nome. "Sou fraquelente", disse-lhe o tal carpinteiro. "Sou fraquelente". "{IP|ta=Está} bem. Então, ouça lá, ó senhor fraquelente, eu {pp} vou-{PH|li=lhe}{fp} aqui [AB|lanotar o{fp}] a pensar uns{fp} estudos {pp} à sua vida". "Ah, faz favor", e tal. "E o senhor será capaz de me responder, depois de eu dar os meus ditos, as minhas palavras"? "Ah, isso é que não sabemos. Não sei como o senhor fala. Agora em o senhor falando, pode ser que eu lhe saiba responder". "Bom, então vamos experimentar", {pp} o poeta dizia para o outro. E começou ele, então, o poeta – tome sentido agora: {fp} "O que faz um fraquelente {pp} de roda deste madeiro, {pp} empregando as tuas forças {PH|l'kwaz=quase} há um ano inteiro"?

Código de identificação do ficheiro: AAL54-C	
Localidade: Castelo de Vide Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1974
Informante1: Alceu Idade: 78	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALE Inquiridor1: Cassete nº: Castelo de Vide A1 lado: A min: 895-926	Inquiridor2:
Assunto: A vida humana: nascimento, vida e morte	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 54	Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Set.00

INF E depois, morreu a mãe. {pp} Morrendo a mãe, {PH|fi'kãrĩ=ficaram} os dois, {pp} um que estava a casa do pai, do padrinho, e outro estava {pp} a casa [AB|da, {pp} da] da mãe. [AB|A] A rapariga é que estava a casa da mãe; o rapaz é que foi para casa do padrinho. E depois, pensou ele, {PH|pẽ'sarĩ=pensaram} eles os dois, depois que {PH|mu'reĩ=morreram} {pp} o pai deles os dois, o pai e a mãe, {PH|ẽzũ'tarĩs=(ajuntaram-se)/ajuntarem-se\} os dois irmãos. O outro veio lá de casa do padrinho – o {fp} padrinho também faleceu, de qualquer maneira –, {PH|ẽzũ'tarĩs=ajuntaram-se} os dois. {fp} Estandem juntos os dois, lá {PH|pẽ'sarĩ=pensaram} eles {pp} a fazer o seguinte: a fazerem {pp} um assinado, [AB|lum, um] (um assinado) à maneira de um testamento, um assinado qualquer, {pp} para quando... Ele qualquer deles alguma vez havia de morrer. Ou um ou outro, não era? Até, por acaso, podia-se dar o caso de (morrer) /morrerem\ no mesmo dia. Mas não, {PH|nẽ=não} se deu. Ora, {PH|nẽ=não} se dando, e morreu – (e [AB|f-] lá {PH|fi'zerẽj=fizeram}) /e foi lá {PH|fi'zerẽj=fazerem}\ a tal escritura {fp}, assinada pelos dois –, morreu {pp} a rapariga primeiro. {fp} Ele, com o desgosto, lá foi ao acompanhamento [AB|da, da] da irmã e tal e tal. Mas ela ficou lá e ele voltou. Pois, que ele ainda estava vivo, voltou.

Código de identificação do ficheiro: AAL55-C	
Localidade: Castelo de Vide Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1974
Informante1: Alceu Idade: 78	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALE Inquiridor1: Cassete nº: Castelo de Vide A1 lado: A min: 1005-1009	Inquiridor2:
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Catarina Magro Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07A faixa: 55	Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Set.00

INF Vamos embora aí {pp} {CT|pes=por esse} mundo fora. Vamos embora, que isto, se ali vamos {CT|pra=para a} nossa vila, {CT|pa=para a} nossa terra, isso é aí um{fp} falatório medonho.

Código de identificação do ficheiro: AAL56-C	
Localidade: Porto da Espada Distrito: Portalegre	Concelho: Marvão Data: 1974
Informante1: Alcibíades Idade: 74	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALE Inquiridor1: André Eliseu Cassete nº: Porto da Espada lado: A min: 362-399	Inquiridor2:
Assunto: A atmosfera e as condições climatéricas	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Adriana Cardoso Autor da revisão final: Ernestina Carrilho CD nº: 07B faixa: 01	Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Set.00

INQ Quando há uma trovoada, como é que se chama aquela luz?

INF {fp} A gente dá-{PHli=lhe} cá uns poucos de nomes. É um {PHlɛri'lɛpɛdu=relâmpago}, é uma faísca, é um{fp} corisco, é um raio, (é... Enfim,) diversos nomes.

INQ Mas é tudo a mesma coisa?

INF Ah, [ABlconsta, ele dizem] há quem diga [ABlque] que é diferente {pp} uma coisa da outra. Que há aí algumas que são diferentes. [ABlAgora, se] Agora eu é que {PHlnɛ=não} sei se são diferentes nem se {PHlnɛ=não} são.

INQ Mas o senhor diz de uma maneira quando aquilo cai em cima de uma casa ou em cima de uma árvore?

INF {fp} (Olha), lá caiu uma coisa ruim.

INQ O que é que caiu?

INF Uma coisa ruim: {fp} uma faísca. Pois.

INQ E quando é só assim no céu?

INF Oh, isso são os que {PHlnɛ=não} têm força para vir cá abaixo.

INQ Também se chama faísca?

INF Também. Pois bem, [ABlé um, um] abriu aquela coisa, além, num astro, mas {pp} não teve força e [ABlficou] ficou no meio. Apagou-se lá em cima.

Código de identificação do ficheiro: AAL57-C	
Localidade: Porto da Espada Distrito: Portalegre	Concelho: Marvão Data: 1974
Informante1: Alcibíades Idade: 74	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALE Inquiridor1: André Eliseu Cassete nº: Porto da Espada lado: A min: 746-755	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: Flores	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Adriana Cardoso Autor da revisão final: Ernestina Carrilho CD nº: 07B faixa: 02	Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Set.00

INQ1 Se a gente chegar lá assim com a mão, sem jeito, aquilo pica.

INF {PHInø=Não} pica. O do cravo {PHInø=não} pica.

INQ1 A rosa.

INQ2 A rosa.

INF [ABIAi a ro-] Algumas picam; há muitas que picam, mas há outras não.

INQ1 Tem o quê? O que é que pica?

INF [AB|Têm] Têm uns picozinhos. Pois bem, [AB|mas não, isso são] isso são poucas; há poucas as que têm (isso) /esse\...

Código de identificação do ficheiro: AAL58-C	
Localidade: Porto da Espada Distrito: Portalegre	Concelho: Marvão Data: 1974
Informante1: Alcibíades Idade: 74	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALE Inquiridor1: André Eliseu Cassete nº: Porto da Espada lado: A min: 1021-1053	Inquiridor2:
Assunto: Ervas, arbustos e flores	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Adriana Cardoso Autor da revisão final: Ernestina Carrilho CD nº: 07B faixa: 03	Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Set.00

INQ Ouça lá, onde é que os coelhos e assim esses bichos, onde é que eles costumam criar?

INF {fp} Costumam a criar no chão. Fazem um buraco no chão, {pp} um buraco, e depois {fp} fazem lá a criação debaixo [ABle] e {PH|tapẽ=tapam}.

INQ Sim senhor. Olhe, e assim bichos como a raposa e isso, onde é que eles se metem?

INF Isso, metem-se nos covis, ou [ABlonde há aí] nesses canchos, [ABlnesses] {pp} nesses pedregulhos, ou mesmo no meio do mato, onde queira que há muito mato [AB|também se].

INQ Pois. E esses... Está bem, mas costuma haver nesses sítios, por isso é que é muito difícil entrar lá dentro porque aquilo está cheio daquelas plantas todas cheias de picos. Como é que aquilo se chama?

INF {PH|nẽ=Não} sei, {PH|nẽ=não} sei; eu {PH|nẽ=não} sei o que é, {PH|nẽ=não} sei.

INQ Não conhece as silvas?

INF Ah, {IP|tẽw̃=então} mas isso {fp}... Ai, [ABle é, e é,] isso é também... Tem (razão), [AB|também dá] também dá uma coisa que se come, é verdade. Ora, mas então a gente! Estava muito longe [AB|de] de eu agora explicar isso.

INQ Eu estava-lhe a dizer que era brava. Aquilo não nasce aí em qualquer terreno que fica para ser cultivado?

INF Pois. Pois é. {fp} Até a fazerem mal. E, às vezes, também fazem bem, sabe?

INQ Pois.

INF Pois. [ABI|há aí, pois.] {IP|tẽw̃=Então}, [AB|tem que] há é que dizer que é a amora. É a amora que nasceu na ponta da silva. Deu a flor e depois deu a amora. E aquilo também se come. Ora, mas eu agora, ia lá agora [AB|pa-] para as silvas!

Código de identificação do ficheiro: AAL59-C	
Localidade: Porto da Espada Distrito: Portalegre	Concelho: Marvão Data: 1974
Informante1: Alcibíades Idade: 74	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALE Inquiridor1: André Eliseu Cassete nº: Porto da Espada lado: B min: 1125-1177	Inquiridor2:
Assunto: Os órgãos sensoriais e a sua actividade	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Adriana Cardoso Autor da revisão final: Ernestina Carrilho CD nº: 07B faixa: 04	Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Set.00

INQ Olhe, como é que se chama aquela pessoa que não vê?

INF {fp} Será cego. Será assim que eu estou quase também, senhor. Eu também vejo muito mal! Eu, se soubesse ler, estas letras não era capaz de as ler. {PH|nẽ=Não} sei ler, mas se soubesse, isto [AB|nã] não era para mim já. Já vejo muito mal. Não vê, é a idade, também já é muita, homem! Um homem em tendo setenta e quatro anos, ou {pp} próximo dos setenta e cinco, já não há nada que {PH|nẽ=nã} se lhe chegue.

Código de identificação do ficheiro: AAL60-C	
Localidade: Porto da Espada Distrito: Portalegre	Concelho: Marvão Data: 1983
Informante1: Alcibíades Idade: 83	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: André Eliseu Cassete nº: Porto da Espada (conversa livre) lado: A min: 276-290	
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Adriana Cardoso Autor da revisão final: Ernestina Carrilho CD nº: 07B faixa: 05	Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Set.00

INQ O que é que estou a fazer?

INF Agora está a chupar o cigarrão.

INQ Como é que se chama isto?

INF Isso é um cachimbo. Usa-se pouco já isso agora. {pp} Já se usa pouco. Mas isso não deve de fazer tanto mal [ABlcomo{fp}] como a fumar o cigarro.

Código de identificação do ficheiro: AAL61-C	
Localidade: Porto da Espada Distrito: Portalegre	Concelho: Marvão Data: 1983
Informante1: Alcibíades Idade: 83	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: André Eliseu Cassete nº: Porto da Espada (conversa livre) lado: A min: 481-497	
Assunto: Preparação do terreno	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Adriana Cardoso Autor da revisão final: Ernestina Carrilho CD nº: 07B faixa: 06	
Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Set.00	

INQ1 Olhe, como é que se chama aí uma terra que fica aí durante um ano sem ser trabalhada?

INF Embraviada.

INQ2 Como?

INQ1 Não, mas é de propósito.

INF {fp} Sendo de propósito, {PH|aʃ'veziʒ=às vezes} (ou) /ele\ não há aí [AB|quem] quem a fabrique {pp} e depois a terra embraviou-se.

INQ1 Não, mas quando se deixa uma terra de propósito para a terra descansar?

INF Ah, então isso é a descansar. {IP|ta=Está} a terra a descansar para depois dar um produto melhor.

Código de identificação do ficheiro: AAL62-C	
Localidade: Porto da Espada Distrito: Portalegre	Concelho: Marvão Data: 1974
Informante1: Alcibíades Idade: 83	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALE Inquiridor1: Cassete nº: Porto da Espada lado: A min: 97-145	Inquiridor2:
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Adriana Cardoso Autor da revisão final: Ernestina Carrilho CD nº: 07B faixa: 07	Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Out.00

INF {PH|'a1veziz=Às vezes}, até{fp} havia umas ervas do campo que a gente... Pois bem, a fome, {PH|'a1veziz=às vezes} era já muita, ia a gente... [AB|Chamam-{PH|li=lhe}] Chamavam-{PH|li=lhe} pialhos, pialhos duma coisa [AB|, um]... Também se conhece por erva azeda. Ia a gente, comia aquilo e roía aquilo. Chegava-se a um ervilhal aonde (havia) /haviam\ ervilhas – conhece o que são as ervilhas? –, era{fp} colher e toca de comer. Grãos e tudo. Hoje – então pois hoje! – [AB|alguém] alguém faz essas coisas? Isso hoje já não; já ninguém... Hoje já ninguém trata [AB|des-] desse assunto. Ninguém, ninguém. Roubava-se muito. Desde que houvesse, por exemplo, uns figos ou uns cachos [AB|lou] ou [AB|lum, qualquer] uns melões, umas melancias, roubava-se muito. Hoje, o pessoal {PH|nø=não} sei se anda mais abastecido e [AB|nã] {PH|nø=não} se frequenta qualquer coisa que se roube. Nem a uma vinha, nem a uns figos, nada; nada disso {pp} frequenta já. E noutro tempo, {PH|nø=não} escapava nada. Aquilo era, desde que a pessoa pudesse, figos e {fp} cerejas. Ai eu! Ainda levei algumas sovas! Ainda levei algumas sovas, [AB|que apa-] que me apanhavam {fp} às cerejas – doutra gente, {IP|ta=está} claro! Ora (pois), tudo aquilo pertencia tudo ao mesmo, a haver fome.

Código de identificação do ficheiro: AAL63-C	
Localidade: Porto da Espada Distrito: Portalegre	Concelho: Marvão Data: 1983
Informante1: Alcibíades Idade: 83	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: Porto da Espada lado: A min: 212-274	
Assunto: Os frutos	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Adriana Cardoso Autor da revisão final: Ernestina Carrilho CD nº: 07B faixa: 08	
Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Out.00	

INQ1 Mas depois o que é que se tem de fazer às castanhas? Põem dentro de uns sacos e depois?

INF Pois, e depois vai para dentro do secadeiro, essa que é seca.

INQ1 O que é o secadeiro?

INF [AB|Um lume] Um secadeiro é uma casa, uma casa com um sobrado, tudo aos buraquinhos, e faz-se um lume lá debaixo, para se secar. {IP|ta=Está} ali, por exemplo, dois meses ou assim...

INQ2 Sempre com o lume por baixo?

INF Sempre com o lume por baixo. No fim dos dois meses, está pronta [AB|vai]. {fp} Dantes, pisava-se. A gente ali com um cabaz, com um cesto {pp} assim redondo, botava-se para ali uma taleigada e toca de pular ali, dentro daquilo, para se tirar. Depois, aquilo moía-se, saía aquela moinha, a pele. Saía {pp} pelos buraquinhos [AB|do] do cesto e ficava a castanha limpinha ali dentro do cesto. Pois. Era o trabalho que dava. Mas, hoje já não...

INQ2 Mas essa castanha era guardada?

INF [AB|É g-] É guardada. [AB|Isso é] Fica também duns anos para os outros. Mas, quer dizer, em ficando duns anos para os outros, dá-{PH|li=lhe} em dar um bichinho que lhe {PH|'jemẽ=chamam} a ponilha. Dá-{PH|li=lhe} em dar aquele bichinho e a castanha parece que se põe assim um bocado {fp} descorada, põe-se assim um bocado diferente [AB|da cor que na-] da cor natural. Pois [AB|le]. Mas há aí {pp} certa gente que sabem tratá-las. Quando é o fim dum ano, estão iguaizinhas às novas. Mas é preciso {fp} uns tratamentos. Os tratamentos é que não sei como são. Não sei o que {PH|li=lhe} fazem. Mas fazem-{PH|li=lhe} uns tratamentos {PH|kwaɫ'keriɜ=quaisquer}. Dão-{PH|li=lhe} umas voltas, umas vezes para ali e depois para aqui. Dão-{PH|li=lhe} aquelas voltinhas. Aquilo depois, por fim de tempos, por fim de um ano, rendem a mesma coisa que rendem as novas. E a vista é a mesma. Mas é preciso tratá-las. Se não as tratar, aquilo {pp} {PH|'levẽ=levam} caminho. Pois, assim é que é.

Código de identificação do ficheiro: AAL64-C	
Localidade: Porto da Espada Distrito: Portalegre	Concelho: Marvão Data: 1983
Informante1: Alcibíades Idade: 83	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Cassete nº: Porto da Espada lado: A min: 348-375	Inquiridor2:
Assunto: Ofícios, profissões e outras actividades –generalidades	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Adriana Cardoso Autor da revisão final: Ernestina Carrilho CD nº: 07B faixa: 09	Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Out.00

INF Estive a servir em dois patrões. De ambos (os) dois tinha cabras. E depois, estive num – foi onde estive primeiro –, primeiro, comecei a guardar os cochinos – porcos, com sua licença –, e depois passei a guardar cabras, mais tarde. E depois passei a trabalhar lá na casa: fazer serviço, tudo, a regar, a regar uma horta, {fp} ceifar, ceifar trigo... {fp} Topava àquilo que calhava; topava a tudo. E depois, dali mudei para outras. Estive então lá dois anos {pp} a guardar cabras. E depois, no fim dos dois anos, saí; vim-me embora. Comecei então a trabalhar assim no campo. A minha vida tem sido assim de {pp} limpeza de oliveiras... É o que eu tenho feito também mais é isso. Limpeza de oliveiras, podar; é o que tenho feito mais é isso.

Código de identificação do ficheiro: AAL65-C	
Localidade: Castelo de Vide Distrito: Portalegre	Concelho: Castelo de Vide Data: 1983
Informante1: Alcibíades Idade: 83	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Alice Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: André Eliseu Cassete nº: Porto da Espada lado: A min: 549-579	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Adriana Cardoso Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07B faixa: 10	Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Set.00

INQ1 E quando foi da guerra de Espanha, como é, aqui, aqui como é que era?

INF1 [ABl{fp} Nós aqui nunca, nunca tivemos {pp} cá {pp}, eles nunca] Nunca se aqui conheceu nada.

INF2 Aqui nunca se conheceu nada.

INF1 Ouvia a gente dizer "fazem isto, fazem aquilo", mas a gente, como nunca viu {fp}, pronto, [ABlnão] não sabe (nem) dizer. O que é que [ABlquando era (a) /à\ noite] quando era (a) /à\ noite, a gente aqui, {pp} portinhas fechadas logo à noitinha, {pp} logo fechadinhas, à noitinha.

INQ2 Mas porquê?

INF1 Tinha a gente medo, não viesse [ABla] pessoal [ABllá da, fug-] que vinham fugidos, e que chegavam, por exemplo, aqui... Ou (que) queriam mal ou {PHlkr'iẽ=queriam} que a gente {PHlli=lhe} desse{fp} {pp} coito ou assim. E a gente{fp} não, pois bem, (nem) ninguém queria dar coito a essa gente. Pois claro, [ABlera] {pp} era também contra, naturalmente, cá [ABlo, à nossa] {pp} à nossa nação [ABle em depois não]. Mas (houve aí) /eu vejo que\ muita gente ainda aí que {PHlfu'zirĩ=fugiram} aí para baixo. A gente ouviu dizer que {PHlfu'zirĩ=fugiram} para aí. Não se sabe se (era) /é\ nem se não. {fp} O mais, nunca a gente (ouviu dizer, aqui assim)... (Nunca dizem) mais nada, lá da guerra. Ouvia a gente dizer: "Hum, [ABlhouve aqui] houve aqui um combate, houve além, {PHlfĩ'zerĩ=fizeram} isto, {PHlfĩ'zerĩ=fizeram} aquilo".

Código de identificação do ficheiro: AAL66-C	
Localidade: Porto da Espada Distrito: Portalegre	Concelho: Marvão Data: 1983
Informante1: Alcibíades Idade: 83	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Alice Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: André Eliseu Cassete nº: Porto da Espada lado: A min: 637-693	
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Adriana Cardoso Autor da revisão final: Ernestina Carrilho CD nº: 07B faixa: 11	
Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Out.00	

INQ1 Dantes havia aqui muitos contrabandistas, não havia?

INF1 Havia muitos. Eu também ainda fui.

INQ1 Também?

INF1 Ainda. No tempo do azeite, {pp} também ainda fui. Mas eu {fp} fui pouco tempo. Ainda bem não, [AB|acab-] acabou-se o dinheiro, acabou-se [AB|o] o negócio.

INQ1 Como é que era? Ia lá levar o azeite para lá?

INF1 [AB|Íam-] Íamos levar aqui. Íamos buscar lá para cá. Pois. Íamos buscar ali, aonde {PH|li=lhe} {PH|'fɐmẽ=chamam} as Hortas, Porto de Roque. Aí é que o íamos buscar, de noite, às escuras – {fp} noites muito escuras!

INQ2 Então, e não tinham medo?

INF1 Ora, medo!?! Tínhamos medo mas era dos bonés, dos guardas. O mais, lá assim de medos, não tínhamos medo. Se apanhávamos aí cada molha aí {CT|pɛsɐ}=por essas} serras! {fp} Pois, era isso.

INQ1 Mas ia um homem sozinho ou iam muitos?

INF1 Íamos muitos; chegámos a ser cinquenta.

INQ1 Todos juntos?

INF1 Tudo (enrabeirado) uns atrás dos outros. Tudo! Aquilo parecia já só uma chibatada. Aqui se esbarrondava [AB|luma] uma pedra, além outra. {fp} Pois bem, a gente [AB|por aqueles] por aqueles campos fora, por essas serras.

INQ1 Passavam por sítios onde sabia que não havia guarda, não é?

INF1 Pois. Ora, mas eles, ainda bem não, [AB|lá] lá chegavam ao pé da gente. Aquilo, ainda bem não, era uma derrota.

INQ2 E o que é que faziam?

INF Ora, tiravam-nos [AB|co-] os coiros. E corriam atrás da gente para nos apanharem.

INQ1 Tiravam o quê?

INF1 Os coiros, onde a gente trazia o azeite.

INQ1 Dentro do quê?

INF1 Dentro duns coiros. Com umas peles de cabra é que trazíamos o azeite. Pois, era umas coisas assim; {pp} {PHI'ērẽ=eram} as peles das cabras e depois preparavam-nas para a gente trazer o azeite.

INQ1 Mas eram as peles inteiras ou era...?

INF1 Pele inteira. Pois, era a pele inteira. Até mesmo propriamente nas patas. Até, por exemplo, assim ao meio da pata e depois {PHI'ērẽ=eram} atadas e vinha {pp} até mesmo [ABlã] onde era a cabeça, também. Chamavam-{PHIi=lhe} um coiro. Lá trazia a gente aquilo às costas. Pois. Ia a gente buscá-lo.

INQ1 Compravam lá e vinham vender cá?

INF1 Pois.

INF2 Foi sempre na pobreza.

INF1 Era o tempo da pobreza, naquele tempo [ABlora]...

INF2 (Por isso é que se) chamava a pobreza.

INF1 Pois, era o tempo da pobreza. Pois. {fp} [ABlEntão] Foi só o contrabando que usei foi aquele. E foi pouco tempo. Foi aí só uma questão aí de dois meses, talvez. Pouco tempo. Ainda bem não, tiraram-nos os coiros, olha, acabou-se. Acabou-se o negócio.

Código de identificação do ficheiro: AAL67-C	
Localidade: Porto da Espada Distrito: Portalegre	Concelho: Marvão Data: 1983
Informante1: Alcibíades Idade: 83	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Alice Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: André Eliseu Cassete nº: Porto da Espada lado: A min: 1104-1116	Inquiridor2:
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Adriana Cardoso Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07B faixa: 12	Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Out.00

INQ Vai muitas vezes a Marvão?

INF1 Agora, já há uns poucos de anos que {PH|nẽ=não} vou. Paga a gente as contribuiçõezitas; manda pelo correio. {pp} Aquilo, [AB|custa] custa-me muito a andar. Sabe?

INF2 Pagar a forada.

INF1 Custa-me muito a andar [AB|que sou]... Tenho uns defeitos. Sou quebrado, sabe? E depois, custa-me também assim a andar. E depois, dá a gente qualquer coisa ao correio {pp} e o homem faz lá isto tudo [AB|muito] muito bem, muito de boa vontade. É um correio, um homem muito fielzinho {pp}, e faz lá estas coisas. Ora, mas isto, pouca gente lá vai, a Marvão. Ah, muitas vezes tratar assim de outras vidas {PH|'kwaɫker=quaisquer}, de outras coisas, {pp} lá vai.

Código de identificação do ficheiro: AAL68-C	
Localidade: Porto da Espada Distrito: Portalegre	Concelho: Marvão Data: 1983
Informante1: Alcídio Idade: 85	Sexo: Masculino Escolaridade: 3ª Classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: Porto da Espada 0001-0095 lado: A min: 217-240	
Assunto: A língua e a comunicação	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Adriana Cardoso Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07B faixa: 13	Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Out.00

INF (Um) /O\ marvanense fala precisamente como nós aqui falamos. (Um) /O\ marvanense. Santo António das Areias fala precisamente como nós falamos. A parte norte {pp} do concelho, Beirã, é aqui como nós.

INQ Que vai até, que vai até aonde, até Nisa, não?

INF O{fp} quê?

INQ Essa parte norte.

INF [ABIEssa parte nossa] {fp} Essa parte{fp} norte {pp} chega até {pp} à Póvoa, um sítio chamado a Póvoa [ABlpor baixo (deste)]. Pertence até a Castelo de Vide. A Póvoa é uma freguesia. {pp} É até aí. (Mas) esses {pp} já arrastam. Não é? Agora, a Escusa, sendo do mesmo concelho e da mesma freguesia, é que faz {pp} diferença o sotaque, a maneira de pronúncia [ABlaqui da] {pp} aqui da nossa.

INQ Pois, e para sul?

INF Para sul, (também). Mas isso já pertence [ABlao c-] ao concelho de Portalegre. Aqui São Julião.

Código de identificação do ficheiro: AAL69-C	
Localidade: Porto da Espada Distrito: Portalegre	Concelho: Marvão Data: 1983
Informante1: Alcídio Idade: 85	Sexo: Masculino Escolaridade: 3ª Classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: Porto da Espada 0001-0095 lado: A min: 1280-1287	
Assunto: A atmosfera e as condições climatéricas	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Adriana Cardoso Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07B faixa: 14	
Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Out.00	

INQ Quando há ainda umas maiores, uma coisa ainda mais carregada do que a neblina, portanto, que nós, que se deixa de ver o sol, diz-se que está?

INF [AB|Isso já são] Já está o céu nublado. São nuvens: {fp} "{fp} [AB|Hoje] Hoje há nuvens; hoje {IP|ta=está} o céu nublado". Ele aqui nem se diz {PH|nu'bladu=nublado}. Eu cito-lhe até a palavra que aqui se emprega: " {PH|ënu'vradu=nuvrado} ". O pessoal aí, o corrente é : "Ah, o céu hoje está {PH|ënu'βradu=nuvrado}; {fp} hoje está {PH|ënu'vradu=nuvrado} ".

Código de identificação do ficheiro: AAL70-C	
Localidade: Porto da Espada Distrito: Portalegre	Concelho: Marvão Data: 1983
Informante1: Alcídio Idade: 85	Sexo: Masculino Escolaridade: 3ª Classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: Porto da Espada e Sapeira lado: A min: 852-868	
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Adriana Cardoso Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07B faixa: 15	
Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Out.00	

INF Eh, nós {fp}, é claro, {fp} as castanhas... {pp} {PH|ne=Não} havia comboio para Cacilhas, não é? E nós despachávamos a Santa Apolónia... {pp} Era acompanhada por um guarda-fiscal até (ao) /o\ Terreiro do Paço e dali metia-se num barco {pp} e ia [AB|para] para Cacilhas.

INQ Mas os barcos que ligavam Lisboa a Cacilhas quais eram, eram aqueles à vela, era?

INF {PH|'eĩ=eram} os cacilheiros, eram {fp}. Ainda hoje [AB|ainda]. Hoje o que são é maiores, mas dantes {PH|'eĩ=eram} uns barquitos pequenos.

INQ Já havia, na altura? Mas a motor ou à vela? A motor?

INF A motor. A motor. Isso, à vela {pp}, era raro [AB|que]... Às vezes, assim nos domingos, é que se juntava por aí [AB|luma] {pp} uma rapaziada e {PH|mi'tiês=metiam-se} num barco à vela para irem comer uma caldeirada {pp} à outra banda. Mas{fp} era quase sempre [AB|lum] {pp} um vapor.

Código de identificação do ficheiro: AAL71-C	
Localidade: Porto da Espada Distrito: Portalegre	Concelho: Marvão Data: 1983
Informante1: Alcídio Idade: 85	Sexo: Masculino Escolaridade: 3ª Classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: Porto da Espada e Sapeira lado: A min: 1017-1024	
Assunto: A atmosfera e as condições climatéricas	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Adriana Cardoso Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07B faixa: 16	Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Out.00

INF E nas noites de temporal, quando{fp} chovia muito e que a ribeira tomava água, eles {fp} atiravam com os barris para a ribeira e a ribeira trututututu. E quando passavam, passavam {fp} ali às portas, [ABlo] ao Aqueduto {pp} das Águas Livres, não é? E a guarda {fp} {PHIne=não} sabia se era o barril nem se era uma pedra que vinha a rebolar trazida pela enchente, por ali abaixo.

Código de identificação do ficheiro: AAL72-C	
Localidade: Porto da Espada Distrito: Portalegre	Concelho: Marvão Data: 1983
Informante1: Alcídio Idade: 85	Sexo: Masculino Escolaridade: 3ª Classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Cassete nº: Porto da Espada e Sapeira lado: A min: 1368-1377	
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Adriana Cardoso Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07B faixa: 17	
Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Out.00	

INF Tanta coisa, {pp} tanta coisa que a gente viu. (Depois) /Pois\ havia aí o Ferro de Engomar e {PHI'eri=eram} Os Charquinhos e ele ainda havia um outro, {pp} que eu não me recordo [ABlmas era]... (Parece-me) que eram três {pp} restaurantes. E era para ali que vinha a estúrdia... A estúrdia de Lisboa {pp} era precisamente para esses, Quebra-Bilhas e companhia. [ABlComo é] Ah, era o Ferro de Engomar. Havia um restaurante também ali em Benfica que era o Ferro de Engomar.

Código de identificação do ficheiro: AAL73-C	
Localidade: S. Salvador de Aramenha Distrito: Portalegre	Concelho: Marvão Data: 1974
Informante1: Alcino Idade: 69	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG	
Inquiridor1: Cassete nº: S. Salvador de Aramenha (prosp.)	Inquiridor2: lado: A min: 96-110
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora	
Autor da primeira transcrição: Adriana Cardoso	Data da primeira transcrição: Fev.00
Autor da revisão final: Maria Lobo	Data da revisão final: Out.00
CD nº: 07B faixa: 18	

INF Ora então, nós estávamos aqui em Portalegre e daqui {pp} fomos para Lisboa {pp}. {fp}
Estivemos ali em Moscavide, à entrada de Lisboa, à espera [AB|que] que aquilo houvesse a revolta,
mas {pp} não houve. Aquilo ficou assim, {pp} sem efeito. Ficou sem fôlego.

Código de identificação do ficheiro: AAL74-C	
Localidade: S. Salvador de Aramenha Distrito: Portalegre	Concelho: Marvão Data: 1974
Informante1: Alcino Idade: 69	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: André Eliseu Cassete nº: S. Salvador de Aramenha (prosp.) lado: A min: 323-338	
Assunto: A atmosfera e as condições climatéricas	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Adriana Cardoso Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07B faixa: 19	
Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Out.00	

INQ Olhe, e quando está muito vento, como é que se diz?

INF Cá no nosso sítio, é um {PHlẽdẽ'vaɫ='andaval'} de vento [ABlé um, é um]. Ainda esta noite, ele passou um grande [ABla-] {pp} ar de vento. {PHlnẽ=Não} sei se foi {pp} toda a gente que o ouviu, mas houve [ABluma] uma hora ou hora e meia que foi uma grande {PHlẽdẽ'vaɫ='andaval'} de vento, esta noite.

Código de identificação do ficheiro: AAL75-C	
Localidade: S. Salvador de Aramenha Distrito: Portalegre	Concelho: Marvão Data: 1974
Informante1: Alcino Idade: 69	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: André Eliseu Cassete nº: S. Salvador de Aramenha (prosp.) lado: A min: 414-438	
Assunto: A atmosfera e as condições climatéricas	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Adriana Cardoso Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07B faixa: 20	
Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Out.00	

INQ Olhe, quando depois de chover aparece assim um arco...

INF Chama-se cá na nossa terra {fp}, esse arco, um arco-de-velha. É um arco... Outros

{PHI'ʃəmẽj]=chamam-lhe} um arco-celeste; outros {PHI'ʃəmẽjli=chamam-lhe} {pp} diversos nomes.

Mas, cá no nosso sítio: "Olha, é um arco-de-velha; olha um arco-de-velha"! Aquele arco azul, não é{fp}?

INQ Por que é que lhe chamam, por que é que se dá, chamam o arco-de-velha?

INF {fp} Coisas que eu não compreendo. Não compreendo isso por que é que {PHIli=lhe}

{PHI'ʃəmẽj]=chamam}, se é por ser muito antigo [ABlse é por], se por que é. [ABIÉ que] Por isso é que

eu não compreendo. Não {PHIli=lhe} sei {pp} fazer essa explicação {pp} por que lhe

{PHI'ʃəmẽj]=chamam} {PHInũ=um} arco-de-velha.

Código de identificação do ficheiro: AAL76-C	
Localidade: S. Salvador de Aramenha Distrito: Portalegre	Concelho: Marvão Data: 1974
Informante1: Alcino Idade: 69	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: André Eliseu Cassete nº: S. Salvador de Aramenha (prosp.) lado: A min: 990-1005	
Assunto: Ervas, arbustos e flores	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Adriana Cardoso Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07B faixa: 21	Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Out.00

INQ1 Veja lá se se lembra. Como é que é? Olhe, ali na, nas caleiras há muito. Há além a coisa aí na Escusa.

INF Há cardos. Aquilo há cardos.

INQ1 Não, mas é uma coisa que faz assim umas moitas.

INF Ah é?! Então, (eu) conheço toda a erva do campo!

INQ2 Às vezes se serve...

INQ1 Aquilo não é uma erva, aquilo é maior que a erva.

INQ2 Às vezes põem assim até para, para dividir uma, um campo de outro. Põem aquilo para as pessoas não passarem por ali, porque aquilo pica.

INF {fp} O que põem ali para as pessoas não passarem umas por outras (são) balsas. São as balsas.

Código de identificação do ficheiro: AAL77-C	
Localidade: S. Salvador de Aramenha Distrito: Portalegre	Concelho: Marvão Data: 1974
Informante1: Alcino Idade: 69	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: S. Salvador de Aramenha (prosp.) lado: B min: 377-391	
Assunto: As aves	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Adriana Cardoso Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07B faixa: 22	
Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Out.00	

INQ Olhe, e aquele, um que, que dizem que quando vai a voar que está a cantar, quando está parado, pára no ar para cantar?

INF (Um que) /{fp} Que\ pára no ar para cantar? Ora, o cuco, esse vai sempre a voar.

INQ Pois.

INF Mas isso é o milhafre – {pp} chama-se cá um milhafre – é que pára, aos bocadinhos.

Código de identificação do ficheiro: AAL78-C	
Localidade: S. Salvador de Aramenha Distrito: Portalegre	Concelho: Marvão Data: 1974
Informante1: Alcino Idade: 69	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: André Eliseu Cassete nº: S. Salvador de Aramenha (prosp.) lado: B min: 611-631	
Assunto: Os insectos e outros invertebrados	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Adriana Cardoso Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07B faixa: 23	
Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Out.00	

INF Há umas poussa-louras grandes, {pp} brancas.

INQ Como é que é que se chama?

INF Pousa-loura. {pp} Outros {PHI'ʃemẽl=chamam-lhe} outros nomes, mas a gente chama-{PHI=lhe} uma poussa-loura.

INQ Que nomes é que lhe chamam mais?

INF Ah, a gente é o nome que {PHIli=lhe} dá{fp} {pp} é este. Mas há [ABlquem {PHIli=lhe}] {pp} quem {PHIli=lhe} dê outros nomes. Quando são pequeninos, isto é uma boa-nova. Dizem: "Olha uma boa-nova", quando são pequeninos. ({fp}) Em sendo grandes, é uma poussa-loura grande.

Código de identificação do ficheiro: AAL79-C	
Localidade: Alpalhão Distrito: Portalegre	Concelho: Nisa Data: 1974
Informante1: Arménio Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Manuela Barros Ferreira Cassete nº: Alpalhão 1 lado: A min: 204-249	Inquiridor2:
Assunto: A língua e a comunicação	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Adriana Cardoso Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07B faixa: 24	Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Out.00

INQ Pessoas que vivem aqui nessas terras à volta, Nisa, Tolosa, Portalegre, quais são aquelas que têm uma maneira de falar diferente desta?

INF Ah, então, são todos. Todos têm {fp} uma maneira [ABlde] de falar diferente daqui de Alpalhão.

INQ E assim parecido com Alpalhão não há nada?

INF Parecido com Alpalhão, [ABleu que {fp}] que eu (acho) /ache\ é Montalvão. Montalvão é que é assim um bocadinho parecido aqui com Alpalhão. Se (houver aí) /{PHlo¹veri=houverem}\ de falar mais mal, talvez (seja) /sejam\ ainda eles, {pp} [ABlos de, os de {fp}] os de Montalvão.

INQ Parece-se muito com isto?

INF Parece-se com isto.

INQ Mas mais diferente daqui qual é?

INF O mais diferente daqui? {pp} Deve de ser Nisa. Nisa deve de ser o mais diferente daqui.

INQ Mais diferente que os de Portalegre?

INF {fp} Mais diferente e bem mais. Bem, os de Portalegre {PH¹fali=falam} melhor do que nós, não é?

INQ Mas os senhores e os de Nisa compreendem-se perfeitamente?

INF Ah, a gente compreende, pois. (Isso) /Se\ /A gente\ compreendemos ele bem.

Código de identificação do ficheiro: AAL80-C	
Localidade: Alpalhão Distrito: Portalegre	Concelho: Nisa Data: 1974
Informante1: Arménio Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: André Eliseu Cassete nº: Alpalhão 1 lado: A min: 580-587	Inquiridor2:
Assunto: O céu e os corpos celestes	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Adriana Cardoso Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07B faixa: 25	Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Out.00

INF Olhe, eu {fp}, eu no campo andei pouco assim {fp} de noite, não é? Mas alguns {PHl'ʃəmẽli=chamam-lhe {fp}} a estrela-boieira... Também há uma estrela...

INQ Isso é a da manhã.

INF Pois, uma estrela-boieira, que {PHll'ʃəmẽ=lhe chamam}.

Código de identificação do ficheiro: AAL81-C	
Localidade: Alpalhão Distrito: Portalegre	Concelho: Nisa Data: 1974
Informante1: Arménio Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: André Eliseu Cassete nº: Alpalhão 1 lado: A min: 918-922	Inquiridor2:
Assunto: Os frutos	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Adriana Cardoso Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07B faixa: 26	Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Out.00

INF Pois, [AB]põe lá (aqui ele)] põe lá ali este figo ao sol para que se ele seque.

Código de identificação do ficheiro: AAL82-C	
Localidade: Alpalhão Distrito: Portalegre	Concelho: Nisa Data: 1974
Informante1: Arménio Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: André Eliseu Cassete nº: Alpalhão 1 lado: A min: 1147-1161	Inquiridor2: Manuela Barros Ferreira
Assunto: Os rios e os mares	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Adriana Cardoso Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07B faixa: 27	Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Out.00

INQ1 E como é que se chamam às pedras que há nas ribeiras e nos ribeiros para se passar de um sítio ao outro a pé?

INF A pé? São passadeiras.

INQ1 E aquelas pedras que há na, aos lados do, dos ribeiros e dos rios também, aquelas pedras muito redondas, como é que se chamam?

INF São lages.

INQ1 Aquelas assim, redondas, pequenas?

INF Malhões.

INQ2 Malhões?

INF Sim senhora.

INQ1 E aquelas pequeninhas, assim, que parecem umas batatas?

INF Pois, essas é que são os malhõesinhos, que a gente {PH|li=lhe} chama, não é? [AB|Sa-] São malhões pequeninos {pp} e os outros{fp} são malhões grandes.

Código de identificação do ficheiro: AAL83-C	
Localidade: Alpalhão Distrito: Portalegre	Concelho: Nisa Data: 1974
Informante1: Arménio Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Cassete nº: Alpalhão 8 lado: A min: 187-195	Inquiridor2:
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Adriana Cardoso Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07B faixa: 28	Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Out.00

INF Bem, cá {fp}, o pastor em andando a guardar [ABlo{fp}] as ovelhas, {fp} que leva ali para além umas poucas, dizem assim: "Ah, já se {PHlɐtə'ʎarĩ=atalharam} as ovelhas". É um atalho.

Código de identificação do ficheiro: AAL84-C	
Localidade: Alpalhão Distrito: Portalegre	Concelho: Nisa Data: 1974
Informante1: Arménio Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: André Eliseu Cassete nº: Alpalhão 8 lado: A min: 653-657	Inquiridor2:
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Adriana Cardoso Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07B faixa: 29	Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Out.00

INQ E aquilo que o padre tem na missa, como é faz, como é que se chama a isso?

INF Isso é uma {PH|ʃki'ɫɔɐ=esquiloa}. Isso parece-me que {PH|li=lhe} dizem uma

{PH|ʃki'ɫɔjɐ=esquiloa}, isso do padre.

Código de identificação do ficheiro: AAL85-C	
Localidade: Alpalhão Distrito: Portalegre	Concelho: Nisa Data: 1974
Informante1: Arménio Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: André Eliseu Cassete nº: Alpalhão 8 lado: B min: 269-297	Inquiridor2: Manuela Barros Ferreira
Assunto: O leite e o queijo	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Adriana Cardoso Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07B faixa: 30	Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Out.00

INQ1 Como é que se chamava aquela coisa assim inclinada para onde o leite, onde se, onde se fazia a massa?

INF O parreirão. Um parreirão.

INQ1 E aquela, aquele, aquela tábuia que se punha em cima da, dos cinchos? Uma coisa para fazer peso, não era?

INF [AB|Por] (Por o) /Para o\ queijo grande, não é? Que {PH|li=lhe} {PH|'pojẽ=punham} até uma pedra em cima...

INQ2 Sim.

INF Tinha um rabo.

INQ2 Pois.

INF [AB|Eu] Eu {PH|nẽ=não} sei como se isso chamava.

INQ1 Não sabe o que é a francela?

INF [AB|A 'pran'] Isso! [AB|e-] Era isso.

INQ1 Como é que é?

INF Uma 'pracela' ou {PH|nẽ=não} sei quê, ou uma francela ou... Ele era qualquer coisa assim. A minha mãe toda a vida fez queijo. (Mas eu) já me {PH|nẽ=não} recordo.

Código de identificação do ficheiro: AAL86-C	
Localidade: Alpalhão Distrito: Portalegre	Concelho: Nisa Data: 1974
Informante1: Arménio Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: André Eliseu Cassete nº: Alpalhão 8 lado: B min: 404-423	Inquiridor2: Manuela Barros Ferreira
Assunto: O porco	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Adriana Cardoso Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07B faixa: 31	Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Out.00

INF Pois, um rebanho de porcos chama-se {pp} [ABlum] um rebanho de porcos, não é?

INQ1 Ainda há bocado disse que se chamava uma...?

INF (Ou) um povilhal.

INQ1 Uma vara.

INF Ou uma vara, pois, ou uma vara de porcos. [ABIEm send-, em sendem] Em sendem muitos, já se {PHlli=lhe} chama uma vara.

INQ2 Olhe, e quem tem um porco em casa, como é que chama por ele, quando vai dar de comer?

"Ah!", como é que lhe, como é que tratam o porco?

INF {fp} [ABIE, é] É "ficáficáficáficá" {pp} é que {PHlli=lhe} {PHI|e'mi=chamam}. E os porcos {pp} sabem, não é? "Cá"! E vêm logo a correr para o pé da gente.

Código de identificação do ficheiro: AAL87-C	
Localidade: Alpalhão Distrito: Portalegre	Concelho: Nisa Data: 1974
Informante1: Arménio Idade: 65	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Manuela Barros Ferreira Cassete nº: Alpalhão 8 lado: A min: 528-533	
Inquiridor2: André Eliseu	
Assunto: Ofícios, profissões e outras actividades – generalidades	
Tipo de transcrição: Conservadora	
Autor da primeira transcrição: Adriana Cardoso	Data da primeira transcrição: Fev.00
Autor da revisão final: Ernestina Carrilho	Data da revisão final: Out.00
CD nº: 07B faixa: 32	

INF O magarefe é o que vende a carne.

INQ1 É o que vende a carne?

INF É o que vende a carne é que se {PHlli=lhe} chama magarefe.

INQ2 O do talho?

INF Do talho.

Código de identificação do ficheiro: AAL88-C	
Localidade: Alpalhão Distrito: Portalegre	Concelho: Nisa Data: 1974
Informante1: Alicinda Idade: 33	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: André Eliseu Cassete nº: Alpalhão 13 lado: A min: 472-506	Inquiridor2:
Assunto: A casa de habitação: aspecto exterior e construção	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Adriana Cardoso Autor da revisão final: Ernestina Carrilho CD nº: O7B faixa: 33	Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Out.00

INF Quem manda fazer casas agora, [ABlé] são placas de cimento. Não {PH^llevĩ=levam} estes barrotes. Quer dizer, [ABlé, levam só uma] {PH^llevĩ=levam} essas vigas assim [AB^lde] de cimento. E depois, fazem a placa.

INQ E depois, aqui assim, leva outras atravessadas, mais fininhas?

INF Pois, isso aí é o forro. Chama-{PH^lli=lhe} a gente o forro do telhado.

INQ O forro é depois as tábuas para tapar.

INF Por cima é o telhado, não é? E depois, leva um forro. Ou que seja placa de cimento, é placa de cimento, e que seja um forro, é as tábuas todas unidas umas às outras.

INQ E como é que se chamam aquelas tábuas muito fininhas que depois se põem aqui para pôr as telhas em cima?

INF É o forro. Chama-{PH^lli=lhe} a gente o forro, cá.

INQ E o forro é feito de quê?

INF De eucalipto ou de pinheiro.

INQ Mas são tábuas grossas? Não são.

INF Não. São assim estreitinhas. Assim.

INQ Como é que se chamam essas tábuas estreitinhas?

INF Isso agora {pp} não {PH^lli=lhe} sei dizer.

Código de identificação do ficheiro: AAL89-C	
Localidade: Alpalhão Distrito: Portalegre	Concelho: Nisa Data: 1974
Informante1: Alicinda Idade: 33	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: André Eliseu Cassete nº: Alpalhão 13 lado: A min: 812-829	Inquiridor2: Manuela Barros Ferreira
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Adriana Cardoso Autor da revisão final: Ernestina Carrilho CD nº: 07B faixa: 34	Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Out.00

INQ1 Olhe, às vezes, assim nos currais e isso, há uma coisa que corre, como é que se chama?

INF Isso {PH|nø=não} sei como se {PH|'sømej=chama}.

INQ2 Não tem esse fecho-pedreiro, aqui?

INF Agora assim como aquele além, é o fecho-pedreiro. A minha (tem) /tem ele\ /{PH|'tẽjø=tem-na}\.

[AB|Tem]

INQ1 É aquele destas portas, aquele que desce. Mas há...

INF Pois, ainda tem o que tem de cima.

INQ1 Parecido com aquele, portanto, que corre assim numas coisas, mas que faz um corte ali.

INF Esse {PH|nø=não} sei; esse {PH|nø=não} sei como é.

INQ1 Não é o ferrolho?

INF Então, mas ele um ferrolho não é assim. O ferrolho não é assim! Cá, um ferrolho é dum portão.

{pp} Mas não é assim que se fecha!

INQ1 Pois.

Código de identificação do ficheiro: AAL90-C	
Localidade: Alpalhão Distrito: Portalegre	Concelho: Nisa Data: 1974
Informante1: Alicinda Idade: 33	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Manuela Barros Ferreira Cassete nº: Alpalhão 13 lado: A min: 872-878	Inquiridor2:
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Adriana Cardoso Autor da revisão final: Ernestina Carrilho CD nº: 07B faixa: 35	Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Out.00

INQ *Eu quero que você...?*

INF "Feche a porta". [AB]Isso é a gente quando] O meu {pp} gaiato, quando entra ou que sai, por causa de não entrarem as moscas é que eu digo: "Fecha a porta".

Código de identificação do ficheiro: AAL91-C	
Localidade: Alpalhão Distrito: Portalegre	Concelho: Nisa Data: 1974
Informante1: Alicinda Idade: 33	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Manuela Barros Ferreira Cassete nº: Alpalhão 13 lado: A min: 1072-1079	Inquiridor2:
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Adriana Cardoso Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07B faixa: 36	Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Out.00

INQ Os travesseiros estão dentro duma coisa branca...

INF Pois estão.

INQ Se é preciso mudar, fazem o quê?

INF Então {fp}, é o chumaço.

INQ Isso o chumaço é a parte de dentro.

INF Pois.

INQ Mas a parte de fora?

INF A parte de fora é o travesseiro.

INQ Aquilo que se põe, que se muda, que depois se vai lavar?

INF É para fingir o travesseiro. [AB| é o tr-] É o travesseiro. Chama-se a gente o {RC|t==travesseiro}. É o travesseiro.

INQ Não lhe chamam fronha?

INF Não. As fronhas é as das travesseiras.

Código de identificação do ficheiro: AAL92-C	
Localidade: Nisa Distrito: Portalegre	Concelho: Nisa Data: 1976
Informante1: Armindo Idade: 57	Sexo: Masculino Escolaridade: 4ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Manuela Barros Ferreira Cassete nº: Nisa 1 lado: A min: 117-142	Inquiridor2:
Assunto: O céu e os corpos celestes	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Adriana Cardoso Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07B faixa: 37	Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Out.00

INF Bom, a lua, às vezes, leva circo, não é? Diz a gente, {pp} [AB|quando o circo é] quando o circo é de perto: "circo de perto, água de longe"; [AB|quando o circo] quando o circo é de longe: "circo de longe e água de perto". (Um acto) que a gente tem de dizer, (cá), quando vê o circo {pp} da lua.

INQ Portanto, o sol dá luz de dia, não é?

INF Dá luz {pp} (de) /do\ dia.

INQ Mas a lua também dá outra luz que se chama como?

INF Dá. O luar.

INQ E além do, da lua e do sol, de noite, da lua, de, o que é que se vê de noite no céu?

INF As estrelas.

INQ Há uma que, que é a que aparece...

INF É a estrela-da-manhã [AB|le há] e há a estrela... Bom, ele há várias estrelas, não é?

INQ Então diga lá as que conhece.

INF Conheço!? É por ouvir dizer! Conheço: há a estrela-popular; há a estrela-da-manhã; [AB|há a estrela] há o sete-estrelas. Bem, ele (há lugar) que há [AB|tantas] {pp} tanta estrela!

INQ E que mais?

Código de identificação do ficheiro: AAL93-C	
Localidade: Nisa Distrito: Portalegre	Concelho: Nisa Data: 1976
Informante1: Armindo Idade: 57	Sexo: Masculino Escolaridade: 4ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Manuela Barros Ferreira Cassete nº: Nisa 1 lado: A min: 835-856	Inquiridor2: João Saramago
Assunto: O céu e os corpos celestes	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Adriana Cardoso Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07B faixa: 38	Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Out.00

INQ1 Então, aqui a primeira a aparecer de tarde é a estrela-popular, é?

INF Eu julgo que sim. [AB]Isto os... É pa-, é assim] Quem dorme no campo é que observa essas...

Toda essa gente, os pastores, que ainda [AB]s-, sabe-] sabem [AB]quando é] quando é a Páscoa, de sete em sete anos, lá pelos estudos deles, esses é que conhecem as estrelas todas, porque não têm relógio.

(Não) era a vida deles!

INQ1 Olhe, e a, e no Verão vê-se assim a, a, no céu assim uma coisa branca, parece uma nuvem mas é de estrelas. Vê-se de noite.

INF De noite, {pp} uma coisa branca?

INQ2 É quando o céu...

INQ1 Esbranquiçada. Parece uma nuvenzinha.

INQ2 Quando a noite está toda limpa, a, a gente vê assim...

INF [AB]É o carrei-] É o carreiro-de-santiago.

INQ2 Mas espere. E há outra que estão assim, que são três, três estrelinhas juntas... Não dá um nome?

INF {fp} Ele há o sete-estrelas; há o cacheiro.

INQ2 Diga?

INQ1 O quê?

INF Cacheiro, não é?

INQ1 Cacheiro?

INQ1 Não sei qual é essa.

INQ2 Como é que é o cacheiro? Sabe?

INF Não sei explicar. [AB] Mas ouve, ouvem-se, ouve falar... Essa gente, os pastores é que] Eu de luz percebo pouco. É claro!

INQ2 Nunca ouviu falar nas três-marias?

INF Ah, as três-marias [AB]parece-me {fp}]! É. É as três-marias! Eu já tenho 'ouvisto' falar [AB]lo que é que]. É as três-marias, é. Então, [AB]mui-] já tenho 'ouvisto' dizer muitas vezes isso [AB]porque].

Código de identificação do ficheiro: AAL94-C	
Localidade: Nisa Distrito: Portalegre	Concelho: Nisa Data: 1976
Informante1: Armindo Idade: 57	Sexo: Masculino Escolaridade: 4ª classe
Informante2: Íris Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Manuela Barros Ferreira Cassete nº: Nisa 1 lado: A min: 835-856	Inquiridor2: João Saramago
Assunto: O terreno, configuração e constituição	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Adriana Cardoso Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07B faixa: 39	Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Out.00

INF1 {fp} Um barranco, {pp} [AB]tenho 'ouvisto'] palavra que tenho 'ouvisto' dizer...

INQ1 E um que é barranco assim?

INF2 Eu não sei.

INF1 Bom, isto é... Quando pode (estar) /está\ uma lagoa e passar um carro e "[AB]tal é] tal é o barranco que aqui está"! ou o atoleiro ou...

INQ1 Depois é assim, é que fica muito a descer ou é que, a direito e depois está assim com, com água, lama?

INF1 {fp} Ou que a gente vá (...)... Que vá a descer ou que vá por um caminho manhoso: "Tal é [AB]lo b-] os barrancos que aqui estão"! Um caminho sendo ruim {fp}: "Tal é os barrancos que estão aqui nesse caminho"!

INQ2 Barroca, o que é?

INF1 Barroca? Barroca é {fp}... Às vezes, aí dumas hortas, estão as barrocas a correrem: "Tal é, {IP]ta=está] aqui uma barroca".

INQ1 Isto... Mas como é?

INF1 Diga?

INQ1 Como é?

INF1 É [AB]lu-] uma coisa, [AB]luma] uma vala qualquer estreita (com que) corra água, chama- {PH]li=lhe] a gente uma barroca.

INQ1 Olhe, por exemplo, quando chovia, e o senhor saía lá para, para se abrigar, debaixo havia assim umas pedras, que o senhor metia-se lá debaixo, como é que chamava àquilo?

INF1 Quando é que chove, que há pedras que a gente mete lá debaixo, chama-se [AB]luma] {pp} uma toca. Mas nós aqui temos...

INQ1 É uma?

INF1 Temos outro nome...

INQ1 Também tem assim uma pedra...

INF1 Uma lapa.

Código de identificação do ficheiro: AAL95-C	
Localidade: Nisa Distrito: Portalegre	Concelho: Nisa Data: 1976
Informante1: Armindo Idade: 57	Sexo: Masculino Escolaridade: 4ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: Nisa 1 lado: A min: 1006-1021	Inquiridor2:
Assunto: Ervas, arbustos e flores	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Adriana Cardoso Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07B faixa: 40	Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Out.00

INF Conheço a salva-brava. Conheço a pimpinela. Conheço erva-de-são-roberto. Conheço a das sete sangrias. {pp} Conheço a salva-brava. {pp} Bom, em ervas... [AB|erva] Erva-cidreira. {pp} Ah, ele há tanta qualidade de erva! Conheço a erva-das-sete-sangrias. Ele há muita qualidade de ervas que a gente...

INQ Há aquela... Depois é ervas e... Macela, também conhece?

INF Ah, conheço a marcela.

INQ Olhe, e há uma outra que, que faz mal ao gado, quando, quando o gado come, até parecido com a...

INF [AB|Há] Há uma que faz mal ao gado {pp} que não me lembra o nome dela. [AB|É É erva, é uma, uma] É a tal erva, uma espécie de erva-dos-lagartos. [AB|Ele dão-{PH|li=lhe}}] Ele dão-{PH|li=lhe} outro nome – que faz muito mal {pp} ao gado, que está às vezes no meio do feno, que eles até têm medo de ganhar aquele feno – mas é que eu {PH|ne=não} me lembro (do) /o\ nome dessa erva, agora.

Código de identificação do ficheiro: AAL96-C	
Localidade: Nisa Distrito: Portalegre	Concelho: Nisa Data: 1976
Informante1: Armindo Idade: 57	Sexo: Masculino Escolaridade: 4ª classe
Informante2: Alina Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Manuela Barros Ferreira Cassete nº: Nisa 1 lado: B min: 140-172	Inquiridor2: João Saramago
Assunto: Esfrunhador	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Adriana Cardoso Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 07B faixa: 41	Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Out.00

INQ1 Olhe, e uma que dá umas baguinhas vermelhas todas juntinhas, assim um cachinho...

INF1 Vermelhas? [AB|qua-] Vermelhas quase encarnado? [AB|É] É a gorra de travisco.

INQ1 Como?

INF1 [AB|É] É o travisco.

INQ1 Travisco.

INF1 Umas baguinhas redondas.

INQ1 Sim, mas em cachos?

INF1 [AB|Te-] {pp} Algumas têm cacho. [AB|te-, a flo-] A flor até é branca. E quando dá, dá logo uma quantidade delas juntas. Nós aqui [AB|é] é a baguinha. Pois.

INF2 Também há uma que a gente vai (...)...

INQ1 E tem picos?

INF1 A baguinha?

INQ1 Tem picos?

INF1 Ah, espere aí. Há outra que dá baguinha. [AB|é o esf-, é o, há outra que é que se vai esf-] É o esfrunhador. Mas [AB|que] que nome tem (esse)? (Então essa) também tem baguinha encarnada.

INQ1 Mas tem picos essa que a gente está a dizer...

INF1 Tem picos, tem. [AB|O esfru-] A gente aqui [AB|é] chama-lhe o esfrunhador. Sei lá.

INF2 Ah, (é essa mesmo).

INF1 Mas ele, ele tem outro nome.

INQ1 Pilriteiro? Pilriteiro? Não. Nem conhece pilriteiro?

INF1 Não conheço. Nós aquilo [AB|é] é o que vai-se buscar para esfrunhar. Aquilo {pp} é o pau comprido, [AB|e tem a folha] e tem a folha sobre, [RP|sobre] quer dizer, larga, e depois aguça e depois tem um bico ao cimo da folha. {PH|'pikẽ=Picam}, vá. {fp} Aqui é só o esfrunhador, o esfrunhador.

Código de identificação do ficheiro: AAL97-C	
Localidade: Nisa Distrito: Portalegre	Concelho: Nisa Data: 1976
Informante1: Armindo Idade: 57	Sexo: Masculino Escolaridade: 4ª classe
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Cassete nº: Nisa 1 lado: B min: 663-675	Inquiridor2:
Assunto: As árvores	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Adriana Cardoso Autor da revisão final: Ernestina Carrilho CD nº: 07B faixa: 42	Data da primeira transcrição: Fev.00 Data da revisão final: Out.00

INQ E aquelas árvores que estão aí perto dos rios, que têm assim os ramos a cair assim para dentro da água?

INF Bom, isso próximo dos rios {pp} pode haver freixo, pode haver a faia, [AB|pode haver] pode haver o choupo.

INQ Sim.

INF [ABI|Há o] Há o amieiro. Ele há [AB|tant- isso, ess-]... Isso [AB|é tudo] é tudo árvores que {IP|tẽ=estão} à roda das ribeiras.

INQ E o salgueiro?

INF Há o salgueiro. Bom, o salgueiro, em geral, esse então, quase todas as ribeiras têm muita obra [AB|di-] do salgueiro. Esse {PH|nẽ=não} é plantado, esse nasce lá, (na água).

INQ Ai nasce? Os outros são todos plantados.

INF Por exemplo, o freixo. {fp} [AB|A faia também na-] A faia, parece-me que essa também nasce.